

Sinopse internacional n. 08, jan. 2007

<http://www.bndes.gov.br/bibliotecadigital>



www.bndes.gov.br/conhecimento/publicacoes/catalogo/sinopse_intl.asp

Ana Claudia Alem
Bruno Galvão
Fabrício Catermol
Patrícia Zendron
Rodrigo Madeira
Thais Krutman

BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL

Nº 08 – JANEIRO 07

1) PANORAMA MUNDIAL

Os principais indicadores do fechamento de 2006 confirmaram a manutenção da trajetória de crescimento para a economia global em 2006. O desempenho da economia mundial tem sido realmente surpreendente: segundo o FMI, de 2003 a 2006 a expansão média real foi da ordem de 4%. As projeções são de que a expansão do PIB mundial combinada com taxas de inflação sob controle prossiga em 2007 e 2008. A tendência de queda das cotações de petróleo no período recente certamente contribuirá para manter a inflação em níveis favoráveis ao crescimento.

As cotações das *commodities* mantiveram-se em elevação ao longo de 2006 – ver o Gráfico 1.1 e a Tabela 21 da seção “Projeções e Indicadores Econômicos. As perspectivas são de que a demanda aquecida da China e da Índia deverá continuar aumentando o consumo em 2007 e 2008, sustentando a continuidade da trajetória de alta.

No setor petrolífero, após uma trajetória de queda das cotações, o barril voltou a subir por conta do anúncio de um novo corte na produção pelos membros da OPEP – ver Gráfico 1.2. Em novembro, a OPEP já havia reduzido a produção de petróleo em 1,2 milhão de barris ao dia e implementou no início de fevereiro uma nova redução, de 500 mil barris ao dia. O preço do barril do petróleo Brent, por exemplo, que tinha fechado dezembro em US\$ 61 registrado no dia 11 de janeiro de 2007 o valor mínimo de US\$ 51,70, subiu para US\$ 58,42 no dia 6 de fevereiro. A perspectiva é de que o preço do barril estabilize-se entre US\$ 55 e US\$ 60.

SUMÁRIO

Panorama mundial.....	1
Box: Investimento Brasileiro no exterior bate recorde.....	6
A economia latino-americana.....	7
Composição do crescimento.....	8
Indicadores de solvência.....	10
Box: As reservas internacionais da América do Sul ultrapassam US\$ 200 bilhões.....	10
Indicadores sociais.....	12
O setor externo brasileiro.....	14
Box: As exportações brasileiras segundo seus portos de embarque.....	17
<i>Matéria especial: O déficit comercial dos EUA e a estrutura de sua pauta de importações.....</i>	<i>20</i>
A controvérsia sobre o déficit.....	21
A estrutura das importações.....	23
Conclusões.....	27
Projeções e indicadores econômicos.....	29

A Sinopse Internacional é uma publicação trimestral do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social. Este trabalho é de inteira responsabilidade de seus autores, não refletindo, necessariamente, o ponto de vista do BNDES.

Fechamento da edição: 09/02/2007

E-mail: sinopseinternacional@bndes.gov.br

Tel: 55 - 21 - 2172-7369

Para receber a Sinopse Internacional diretamente em seu e-mail, entre em contato conosco.

As projeções para 2007 e 2008 sugerem uma maior convergência das trajetórias de crescimento dos países desenvolvidos. Uma taxa de crescimento dos EUA menos acelerada deverá ser acompanhada pela manutenção do crescimento japonês e por uma expansão mais elevada da zona do Euro, em comparação ao passado recente. Em relação aos mercados emergentes, a China e Índia prosseguirão sendo destaque em termos de expansão do PIB e da demanda por commodities.

Segundo estimativas de diversas instituições, a economia internacional, após ter crescido algo em torno de 5% em 2006 (dado preliminar), deverá apresentar um crescimento real médio da ordem de 4,0% em 2007 e 2008 - ver a Tabela 1 da seção “Projeções e Indicadores Econômicos”. Quanto ao comércio mundial, o FMI projeta um crescimento de 7,6% em 2007, uma taxa um pouco inferior aos 9% estimados para 2006. Para a OCDE, o comércio mundial deverá crescer 7,7% e 8,4%, respectivamente, em 2007 e 2008, frente aos 9,6% registrados em 2006 (dado preliminar).

Gráfico 1.1 - Evolução dos Preços das Commodities - 2000=100

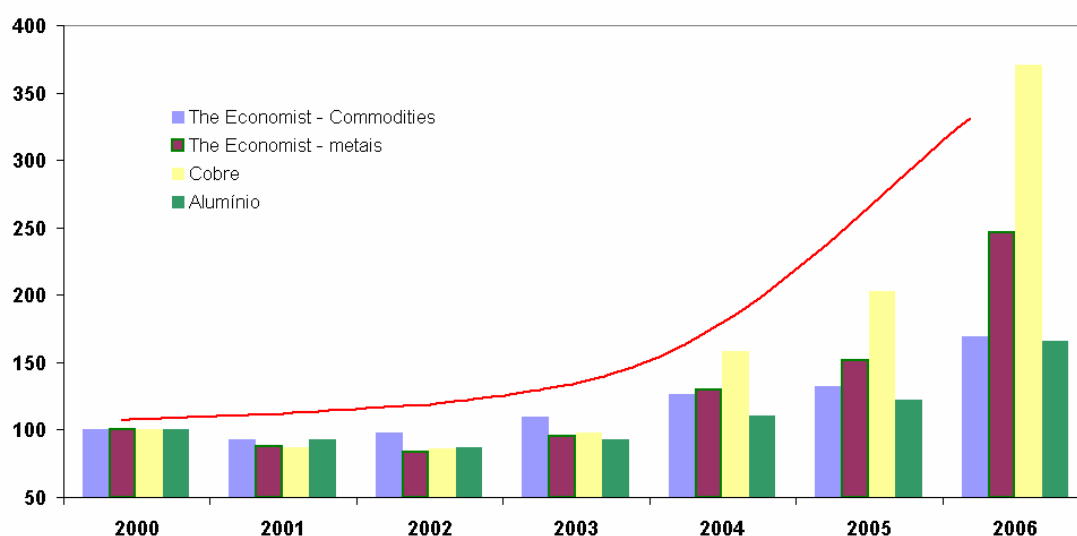
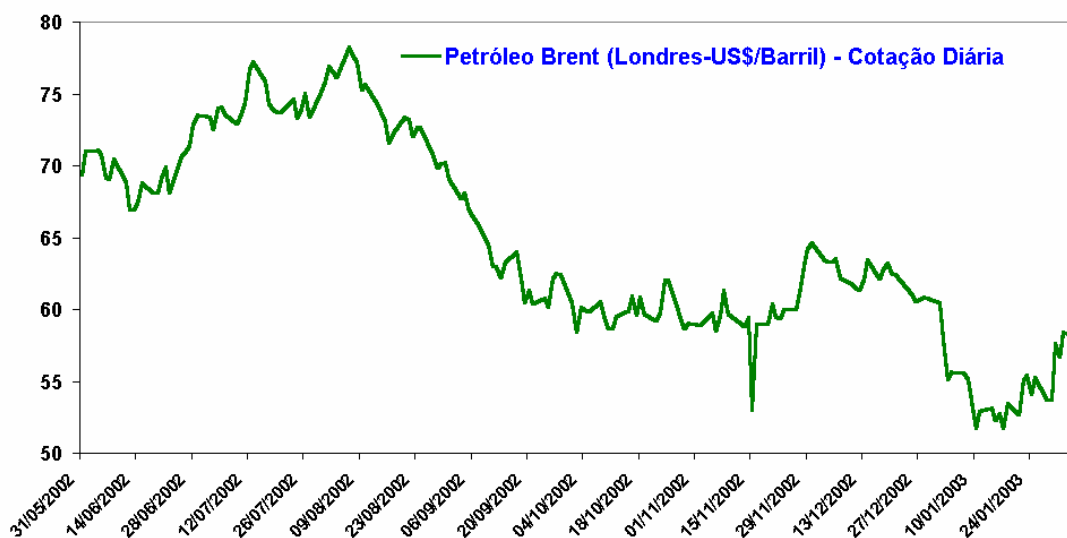
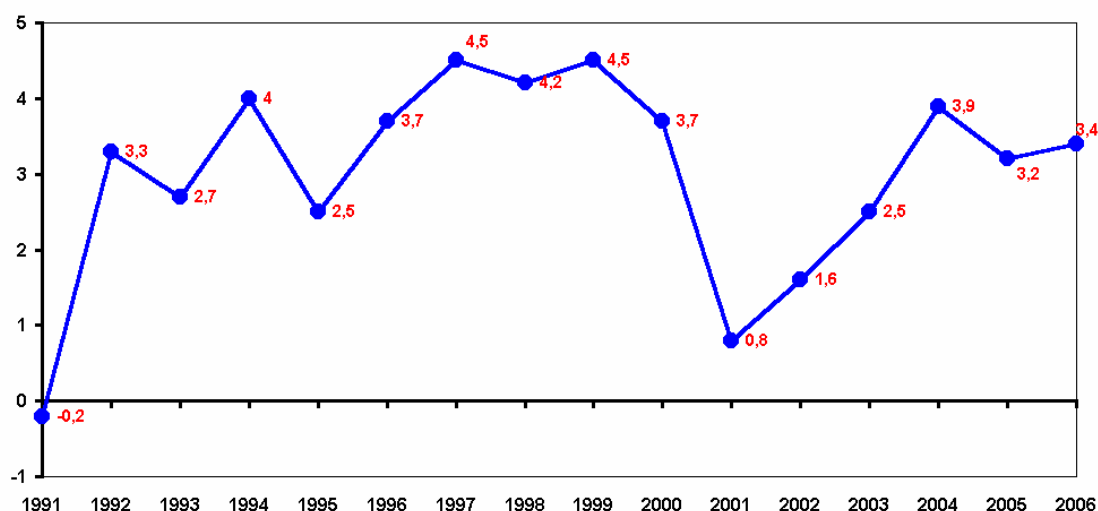


Gráfico 1.2 - Evolução dos Preços do Petróleo



Segundo a primeira estimativa do Bureau of Economic Analysis (BEA) do Departamento de Comércio dos EUA, o PIB daquele país cresceu em termos reais 3,4% em 2006, acima dos 3,2% registrados em 2005 – ver Gráfico 1.3. No quarto trimestre de 2006, o nível de atividade voltou a se acelerar, expandindo-se a uma taxa anualizada de 3,5%, expressivamente superior aos 2,0% do terceiro trimestre. A taxa de desemprego média de 4,6% em 2006, inferior aos 5,1% de 2005. Para 2007 e 2008, as projeções apontam para uma continuidade da trajetória de crescimento, com o PIB dos EUA apresentando uma expansão da ordem de 3,0% - ver as projeções nas Tabelas 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 8 da seção “Projeções e Indicadores Econômicos”.

Gráfico 1.3 - EUA - crescimento real anual do PIB (%)



O crescimento do PIB dos EUA em 2006 surpreendeu os analistas mais pessimistas que temiam os impactos negativos de uma forte desaceleração do mercado imobiliário dos EUA. Isto porque a alta valorização dos imóveis e o consumo das famílias têm sido os principais responsáveis pelo crescimento do PIB dos EUA nos últimos anos – cabe destacar que o consumo corresponde à cerca de dois terços do PIB naquele país. Apesar das vendas de imóveis usados e novos ter caído 8,4% e 16,0%, respectivamente - em 2006, ante 2005 -, a Associação Nacional dos Corretores de Imóveis dos EUA acredita que o pior já tenha passado. Nos últimos meses de 2006 já houve uma gradual recuperação do setor: em dezembro, as vendas de imóveis novos, por exemplo, registraram um crescimento de 14% em relação ao nível atingido em julho, que tinha sido o pior resultado de 2006.

As taxas de inflação sob controle e a manutenção das taxas de juros básicas em 5,25% pelo FED certamente contribuíram para compensar, em parte, os efeitos negativos da retração do mercado imobiliário sobre os gastos dos consumidores. No que diz respeito à inflação, os últimos dados divulgados sugerem que o cenário favorável deverá continuar ao longo de 2007. Segundo o BEA, o núcleo do Índice de Preços dos gastos com consumo (PCE) – que exclui a variação dos preços de alimentos e energia – subiu em termos anuais 2,1% no quarto trimestre de 2006, uma taxa expressivamente inferior aos 2,7% do segundo trimestre. No ano, o núcleo do PCE acumulou um crescimento de 2,2%, em linha com os 2,1% registrados em 2005.

Tendo em vista que a inflação permanece ligeiramente acima do intervalo ente 1% e 2% considerado confortável pelo FED, é de se esperar que a instituição prossiga com muita cautela na condução das taxas de juros nos próximos meses. Para 2007 e 2008, as projeções são de que a variação do núcleo do PCE flutue em torno de 2% anuais. O desempenho favorável do nível de atividades combinado com taxas de infla-

ção sob controle respaldam a manutenção das taxas básicas de juros em 5,25% por algum tempo.

Alguns indicadores antecedentes recentemente divulgados parecem corroborar a manutenção de um desempenho favorável do nível de atividades nos próximos meses. Segundo o Conference Board, o índice de confiança do consumidor norte-americano atingiu 110,3 em janeiro de 2007, o que representou um crescimento de 10% em relação aos 100,2 de agosto – que foi o pior resultado de 2006.

No que diz respeito ao continente asiático, a economia chinesa teve um desempenho em 2006 acima das projeções mais otimistas. Segundo o Escritório Nacional de Estatísticas da China, houve um crescimento real de 10,7% do PIB em 2006, ante 2005. O destaque de crescimento foi o PIB da indústria, com crescimento de 12,5% no período. A formação bruta de capital fixo aumentou 24% em 2006, ante 2005, atingindo 52% do PIB. O crescimento do PIB em 2006 foi 0,3 p.p. superior ao registrado em 2005, apesar da série de medidas adotadas ao longo do ano passado para desacelerar o nível de atividade: como os quatro aumentos das taxas de depósito bancário entre abril e dezembro, de 7,5% para 9,5% e os dois aumentos que elevaram a taxa de juros anual para 5,85%.

A renda urbana *per capita* apresentou um crescimento real de 10% no período. As exportações e importações apresentaram crescimento de 27,2% e 20%, respectivamente. Como resultado, a China registrou um superávit comercial recorde de US\$ 177,5 bilhões e as reservas internacionais atingiram o montante de US\$ 1,1 trilhão. No que tange às importações, a China comprou 326 milhões de toneladas de minério de ferro em 2006, o que representou um crescimento de 18,6% em relação a 2005. Os principais fornecedores de minério de ferro para a China são: Austrália, Brasil e Índia.

O índice de preços ao consumidor acumulou um crescimento de 1,5% em 2006, taxa 0,3 p.p. abaixo dos 1,8% de 2005. Em 2007 e 2008, a média das estimativas aponta para a manutenção do crescimento real do PIB chinês em altos patamares, da ordem de 10%, acompanhada de taxas de inflação sob controle, em torno de 2,0 a 3,0% - ver as Tabelas 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 8 da seção “Projeções e Indicadores Econômicos”.

Segundo estimativas preliminares, o PIB do Japão apresentou um aumento real de 2,7% em 2006, ante 2005. O crescimento foi liderado pela expansão da FBCF que registrou uma expansão real de 4,0% em 2006. A média das projeções aponta para uma taxa de crescimento real do PIB da ordem de 2,3% em 2007 e 2008, respectivamente - ver as Tabelas 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 8 da seção “Projeções e Indicadores Econômicos”. Com a consolidação do crescimento japonês, estima-se que a taxa de desemprego que atingiu 4,4% em 2005, tenha caído para 4,1% em 2006. As projeções são de que o desemprego fique em torno de 4,0% em 2007 e 2008. Caso estes números se confirmem, a redução do desemprego será expressiva em relação ao pico de 5,4% atingido em 2002. A inflação medida pelo índice de preços ao consumidor acumulou uma variação de 0,3% em 2006. Para 2007 e 2008, esperam-se taxas de 0,5% e 0,7%, respectivamente.

Em relação à Índia, as estimativas preliminares do governo indiano apontam para um crescimento real do PIB da ordem de 9% em 2006, a maior expansão em 18 anos - o ano fiscal na Índia termina no final de março. Confirmando-se este crescimento, serão quatro anos com expansão real anual média acima de 8%: um desempenho expressivamente superior à média de 6% registrada nos anos 1980 e 1990. A taxa de investimento encontra-se atualmente no patamar de 35% do PIB.

A trajetória de crescimento acelerado dos últimos anos tem sido marcada por um aumento significativo da abertura da economia indiana ao exterior. Estima-se que a corrente de comércio de bens e serviços atinja 45% do PIB em 2006, em comparação aos 17% registrados em 1990. A expectativa é que as reservas internacionais alcancem aproximadamente US\$ 160 bilhões em 2006.

As projeções correntes ainda sinalizam para um crescimento real da ordem de 8% para 2007 e 2008, mas, provavelmente, serão revistas para cima nos próximos meses – ver as tabelas iniciais da Seção “Projeções e Indicadores Econômicos”. Estima-se que a inflação em 2006 acumule uma variação da ordem de 6%. Para 2007 e 2008, as projeções apontam para uma taxa de inflação entre 5% e 6%. As taxas de juros básicas da economia encontram-se atualmente em torno de 6,0% ao ano, o que tem contribuído para o aumento da demanda agregada da economia. Espera-se que nos próximos dois anos, a Índia venha a aumentar as taxas de juros básicas a fim de conter possíveis pressões inflacionárias decorrentes do alto nível de expansão da economia.

Na zona do Euro, os dados preliminares de fechamento de 2006 confirmaram um desempenho mais dinâmico do nível de atividades, em comparação ao passado recente. Estima-se que o PIB real tenha crescido em média 2,4% em 2006, ante o tímido 1,3% de 2005. As projeções para 2007 e 2008 sinalizam em média um crescimento entre 2% e 3% – ver seção “Projeções e Indicadores Econômicos”. Segundo a OCDE, o melhor desempenho do PIB levará a uma redução das taxas de desemprego da região dos 8,6% registrados em 2005, para 7,4% e 7,1%, respectivamente, em 2007 e 2008. Em 2006, estima-se que a taxa de desemprego tenha sido de 7,6%. O crescimento deverá continuar sendo liderado pela Alemanha e França, as duas maiores economias do bloco. Em relação à inflação na zona do Euro, o índice de preços ao consumidor acumulou uma variação de 2,3% em 2006. Para 2007 e 2008, as projeções são de que a inflação permaneça em um patamar da ordem de 2% ao ano.

A Alemanha cresceu 2,5% em 2006, após a expansão de 0,9% registrada em 2005. O crescimento de 2006 foi o maior desde os 3,2% de 2000. A expansão do PIB foi liderada pelo aumento dos investimentos e das exportações. Em janeiro de 2007, a taxa de desemprego – com ajuste sazonal – foi de 9,5%, abaixo dos 9,8% registrados em dezembro e a menor em 5 anos. As projeções são de uma expansão em torno de 2% em 2007 e 2008. O PIB da França cresceu 2,4% em 2006, uma taxa significativamente acima do 1,2% observado em 2005. As projeções são de um crescimento real do PIB da ordem de 2% em 2007 e 2008.

Fora da zona do Euro, o Reino Unido apresentou uma expansão real de 2,7%, frente o 1,9% registrado em 2005. Em 2007 e 2008 o crescimento deverá ser ainda maior: as projeções em média sinalizam uma expansão do PIB entre 2,5% e 3,0%.

De acordo com o Balanço Preliminar da Comissão Econômica para América Latina e o Caribe (CEPAL) divulgado em dezembro último, a taxa de crescimento dos países da região foi estimada em 5,3% para o ano de 2006, ante os 4,5% de 2005. Caso este resultado se confirme, será a primeira vez nos últimos 25 anos que a América Latina e o Caribe terão um crescimento superior a 4,0% por pelo menos 3 anos consecutivos. A média das projeções aponta para um crescimento real de 4,2% e 3,9%, respectivamente, em 2007 e 2008 – ver Tabelas 1 e 8 da seção “Projeções e Indicadores Econômicos”; para uma análise detalhada da região, ver a seção “A economia latino-americana”.

Segundo dados preliminares divulgados pela UNCTAD, os fluxos de investimento externo direto (IED) atingiram US\$ 1,2 trilhão em 2006, o que representou uma expansão de 34% em relação a 2005 – ver a Tabela 19 da seção “Projeções e Indicadores Econômicos”. Os maiores receptores foram os países desenvolvidos com um montante de US\$ 800,7 bilhões, o que equivaleu a um aumento de 47,7% em relação aos números de 2005. Neste grupo, os EUA foram os que mais receberam investimentos, em um total de US\$ 177 bilhões. Os fluxos para os países em desenvolvimento atingiram US\$ 367,7 bilhões, 10% a mais do que o registrado em 2005. A China foi o país em desenvolvimento com a maior entrada de IED em 2006.

Investimento Brasileiro no Exterior bate recorde em 2006

Segundo o Banco Central do Brasil, os investimentos brasileiros diretos no exterior alcançaram recorde histórico em 2006, totalizando US\$ 27,3 bilhões. Este montante superou os investimentos estrangeiros diretos no Brasil, cujos ingressos líquidos totalizaram US\$ 18,8 bilhões em 2006, e é mais de dez vezes superior ao valor registrado em 2005.

Os investimentos brasileiros diretos foram realizados principalmente através de participação no capital, modalidade que respondeu por mais de 80% do volume de recursos investidos no exterior. Os empréstimos concedidos para filiais das empresas no exterior atingiram US\$ 4,8 bilhões.

Ainda que se observe uma crescente internacionalização das empresas brasileiras, o resultado de 2006 foi especialmente marcado pela compra da mineradora canadense Inco pela Companhia Vale do Rio Doce. A operação foi realizada em outubro e seu valor de US\$ 17,8 bilhões correspondeu a cerca de 65% do total dos investimentos brasileiros diretos. Destacaram-se também a troca de ativos entre a Votorantim Celulose e Papel (VCP) e a International Paper (IP) no valor de US\$ 1,15 bilhão e as aquisições do grupo Gerdau nos EUA, Europa e América Latina. As empresas de mineração e siderurgia têm se mostrado as mais ativas na busca de ativos no exterior.

A internacionalização de empresas brasileiras acompanha a tendência de expansão dos investimentos realizados por países em desenvolvimento, em especial por países da Ásia. Conforme os relatórios da UNCTAD e estudos da OCDE, o estoque de investimentos diretos estrangeiros realizados por empresas oriundas destes países cresceu quase dez vezes entre 1990 e 2005, atingindo US\$ 1,4 trilhão em 2005. Embora ainda seja uma parcela pequena do estoque total - 13% do estoque de IED global em 2005 - a participação de empresas de países em desenvolvimento é vista com cautela pelos países desenvolvidos, que se mantêm atentos às estratégias de empresários como o indiano Lakshmi Mittal (responsável pela fusão Arcelor-Mittal) e de empresas chinesas como a Lenovo (que adquiriu a divisão de computadores da IBM).

A adoção de estratégias de inserção internacional que não se limitam à venda de produtos brasileiros ao exterior mostra o fortalecimento e a competitividade das empresas brasileiras. Através da instalação ou aquisição de ativos no exterior, estas empresas conquistam mercado e superam barreiras tarifárias e não-tarifárias, bem como se beneficiam do acesso ao mercado internacional de capitais. Devido a estas vantagens, a perspectiva é que os investimentos brasileiros no exterior sejam cada vez mais significativos nos próximos anos.

2) A ECONOMIA LATINO-AMERICANA

De acordo com o Balanço Preliminar da Comissão Econômica para América Latina e o Caribe (CEPAL), divulgado em dezembro último, a taxa de crescimento dos países da região foi estimada em 5,3% para o ano de 2006. Trata-se de uma taxa maior do que o crescimento de 4,5%, em 2005, e do que a última previsão da CEPAL (5,0%).

Com este resultado, é a primeira vez nos últimos 25 anos que a América Latina e o Caribe terão um crescimento superior a 4,0% por pelo menos 3 anos consecutivos. A média de crescimento destes três anos foi de 5,2%, valor mais do que duas vezes superior à média do período entre 1981 e 2002, que foi de 2,2%. Além disso, a CEPAL e o FMI estimam que a economia mantenha o ritmo de crescimento em 2007, de respectivamente 4,7% e 4,3%.

Alguns países da região continuaram a ter, em 2006, taxas de crescimento bastante elevadas: Cuba (+12,5%), Venezuela (+10,0%), República Dominicana (+10,0%) e Argentina (+8,7%). Todos esses países tiveram uma taxa de crescimento média nos últimos três anos superiores a 8,8% ao ano, a exceção da República Dominicana, cuja média de crescimento ficou em 7,3% ao ano no mesmo período.

Além disso, deve-se destacar que em 2006, também pela primeira vez nos últimos 25 anos, todos os países da América Latina e o Caribe tiveram taxa de crescimento do PIB per capita positiva. A se confirmar a projeção da CEPAL para 2007, a recuperação econômica levará a um crescimento do PIB per capita de 16% entre 2003 e 2007, contrastando com o período anterior de 20 anos de estabilidade deste indicador.

O bom desempenho dos países latino-americanos sugere que eles estejam presenciando um ciclo sustentado de crescimento econômico.

O contexto externo é inegavelmente favorável:

- a economia mundial vem crescendo a taxas superiores a 4% ao ano, desde 2003;
- há liquidez abundante nos mercados financeiros internacionais;
- houve mudanças nos padrões de comércio com consequências positivas para os termos de troca da América Latina e o Caribe; e
- houve aumento das remessas de não-residentes.

No entanto, também é patente que o período de expansão atual possui características próprias, distinguindo-o de maneira importante dos demais períodos da história latino-americana não apenas pelas expressivas taxas de crescimento.

Como destacado em números anteriores desta publicação, o período atual apresenta uma combinação inédita de crescimento significativo com melhora das contas externas, registrando-se, inclusive, superávits em conta corrente e melhores indicadores de vulnerabilidade externa. No tocante à composição do crescimento, a elevação das exportações vem sendo acompanhada de expansão da demanda interna, em especial do investimento, configurando um período de crescimento mais equilibrado, com impactos positivos também do ponto de vista social. Por fim, é importante mencionar que o ciclo de crescimento atual não foi acompanhado de um relaxamento das finanças públicas.

Nas subseções seguintes, serão analisados alguns aspectos deste ciclo de crescimento, a saber: a composição do crescimento, o comércio exterior, as contas externas, os indicadores de solvência, a inflação, indicadores sociais e as contas públicas. A seção conclui com as considerações finais.

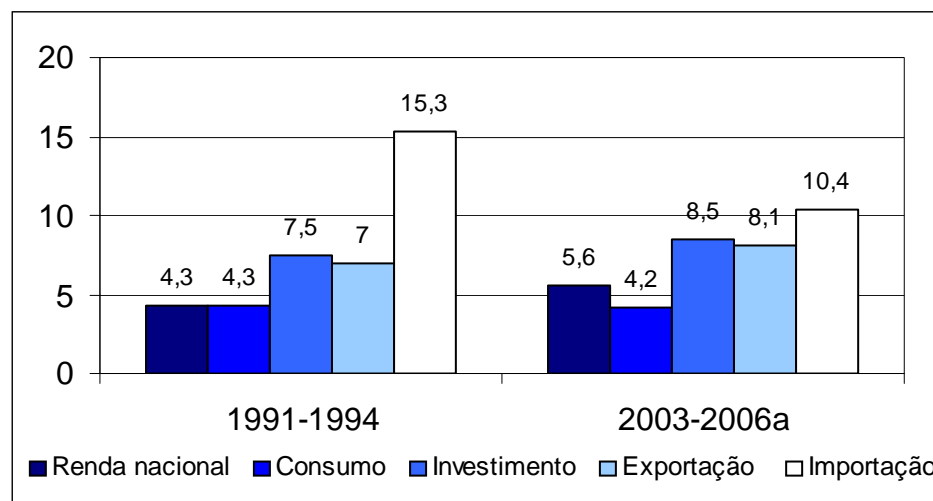
2.1) Composição do crescimento

Baseando-se na comparação entre os períodos de 2003-2006 e de 1991-1994, o Balanço Preliminar da CEPAL conclui que o ciclo de crescimento atual é bem mais equilibrado do que o do início da década de 1990. Os anos entre 1991 e 1994 foram quatro anos de crescimento contínuo a taxas próximas de 4% ao ano e foram escolhidos por serem aqueles que mais se assemelham ao período atual.

O Gráfico 2.1 mostra a comparação entre o comportamento dos componentes da demanda agregada nos dois períodos selecionados. No período 2003-2006, o crescimento da quantidade importada (10,4%) foi próximo da exportada (8,1%). Isso significa que a expansão da produção acompanhou em boa medida o crescimento da demanda interna. Entre 1991 e 1994, a taxa média de crescimento da quantidade importada (15,3%) foi mais do que o dobro da exportada (7,0%), evidenciando um desequilíbrio entre demanda interna e produção doméstica.

Deve-se destacar também que, no atual ciclo, a renda nacional ampliou-se (5,6%) mais do que o consumo (4,2%) e o investimento aumentou em média 8,5% ao ano. Ambos os comportamentos favorecem a manutenção do crescimento da demanda agregada. Em contraste, a renda nacional cresceu em linha com o consumo no ciclo 1991-1994 e a expansão do investimento foi menos acentuada (7,5% ao ano).

Gráfico 2.1 – Comparação entre o comportamento os componentes da demanda agregada em dois períodos de crescimento econômico na América Latina e Caribe



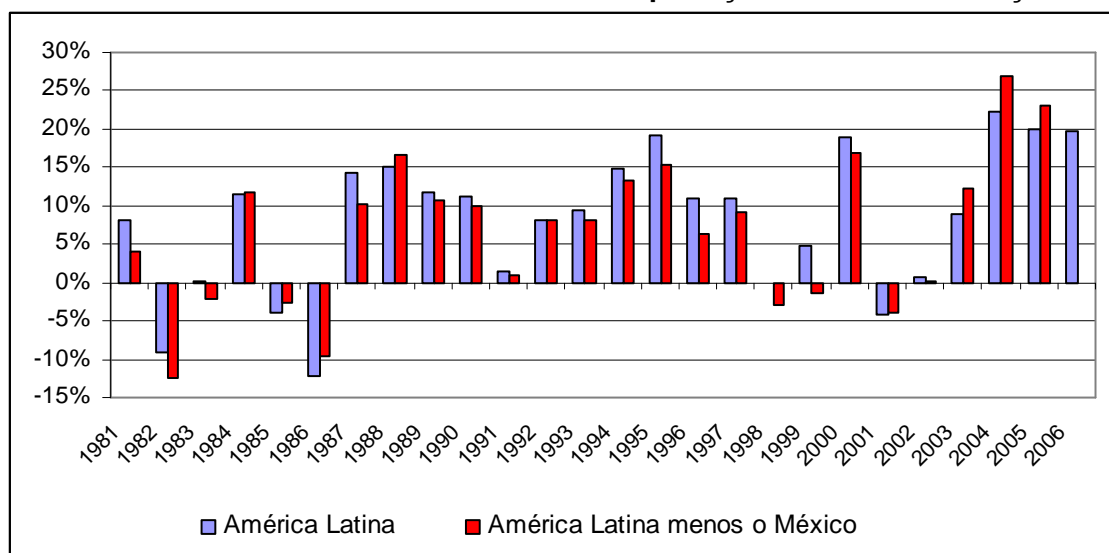
Fonte: CEPAL

2.2) Comércio exterior

A taxa de crescimento das exportações latino-americanas manteve-se em 20% ao ano em 2006, isto é, as exportações repetiram o bom desempenho alcançado nos dois anos anteriores apesar da base de comparação mais elevada.

Fica claro no Gráfico 2.2, que as exportações de bens e serviços da América Latina e Caribe nos últimos três anos apresentaram as taxas mais elevadas dos últimos 25 anos. A taxa de crescimento média das exportações da região desde 1981 foi de 8,2% ao ano. Essa discrepância da taxa de crescimento das exportações é ainda maior se forem excluídas as exportações mexicanas. Nesse caso, as exportações em 2004 e 2005 cresceram em média 25% ao ano, enquanto a expansão média do período entre 1981 e 2005 foi de 6,7% ao ano.

Gráfico 2.2 – Taxa de crescimento das exportações de bens e serviços



Fonte: CEPAL e OMC

Desde 2003, a elevação dos preços dos produtos exportados superou o crescimento da quantidade exportada, demonstrando a importância das altas dos preços das commodities para o desempenho das exportações latino-americanas. Ainda assim, a quantidade exportada tem se expandido mais do que o PIB e vem contribuindo para o bom desempenho econômico da região.

No entanto, desde 2004 o crescimento das importações vem acompanhado o das exportações, provavelmente como consequência do crescimento econômico e da valorização cambial em diversos países da região. Como a quantidade importada vem crescendo mais do que a exportada, a contribuição do comércio externo para a demanda agregada da região fica limitada. Ainda assim, a balança comercial registrou superávits crescentes. O saldo pulou de US\$ 24,0 bilhões em 2002 para US\$ 103,6 bilhões em 2006.

Por fim, o aumento dos preços dos bens exportados foi maior do que dos importados, o que significou a continuidade da melhora dos termos de troca da região. Entre 2000 e 2006, houve um aumento médio dos termos de troca de 17,5% e os países mais beneficiados foram Venezuela (+88,9%), Chile (+86,9%) e Peru (+50,1%). Em geral, os países exportadores de bens agrícolas, como os da América Central e Antilhas, Uruguai e Paraguai, apresentaram deterioração dos termos de troca em relação ao ano de 2000. Os termos de troca dos países com exportações mais diversificadas permaneceram razoavelmente estáveis: Brasil (+2,4%) e México (+7,6%).

2.3) Contas externas

Um dos aspectos mais interessantes do atual período de crescimento é a sua combinação com bons resultados nas contas externas. O saldo da conta corrente do

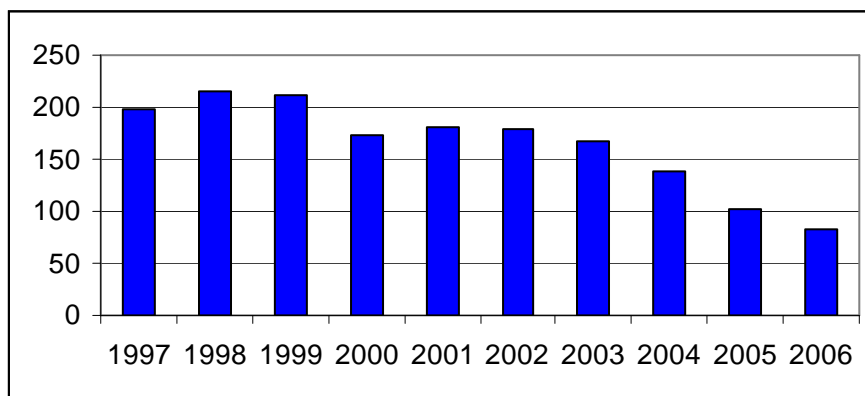
balanço de pagamentos - tradicionalmente deficitário em virtude dos estruturais déficits na balança de serviços – apresentou sucessivos recordes no período 2003-2006. De acordo com os dados preliminares da CEPAL, o saldo em conta corrente da América Latina e Caribe foi de US\$ 51,3 bilhões em 2006, o que significou um crescimento de 43% em relação ao ano anterior e contrastou com o déficit de US\$ 13,7 bilhões acumulado em 2002.

Os principais responsáveis pelo crescimento do saldo em conta corrente foram a ampliação do saldo da balança comercial (de US\$ 24,0 bilhões em 2002 para US\$ 103,6 bilhões em 2006) e das transferências unilaterais (de US\$ 28,5 bilhões em 2002 para US\$ 58,7 bilhões no ano 2006). Por outro lado, a balança de renda e de serviços não fatores continuam crescentemente deficitárias. O déficit da primeira aumentou de US\$ 52,0 bilhões em 2002 para US\$ 89,7 bilhões em 2006, enquanto a segunda foi deficitária em US\$ 14,2 bilhões em 2002 e em US\$ 21,3 bilhões no ano de 2006.

2.4) Indicadores de solvência

Em contraste com o ciclo de crescimento da primeira metade dos anos 1990 e da segunda metade dos anos 1970, no atual ciclo de crescimento há uma forte melhora dos indicadores de solvência – ver Gráfico 2.3. O acúmulo de divisas, a redução e o alongamento da dívida externa, os grandes saldos comerciais e as remessas de emigrantes levaram os indicadores de solvência externa para o melhor nível das últimas décadas e reduziram o risco de que uma retração da liquidez internacional provoque uma crise de balanço de pagamentos.

Gráfico 2.3 - Relação entre dívida externa e exportações na América Latina e Caribe



Fonte: CEPAL

As reservas internacionais da América do Sul ultrapassam US\$ 200 bilhões

As reservas internacionais funcionam como um seguro dos países contra eventuais crises cambiais. Um nível elevado de reservas permite aos executores da política econômica uma grande margem de manobra, pois os países estarão menos sujeitos a crises ocasionadas pela alta volatilidade do capital financeiro.

Tradicionalmente, o custo de acumulação de reservas na América Latina é razoavelmente elevado. Como as reservas são um ativo muito líquido, normalmente sua remuneração é baixa. Por outro lado, os juros da dívida externa ou os juros da dívida interna necessários para a atração de capital para a região, em geral, são bem mais elevados.

Contudo, desde 2003, essa situação mudou bastante. Por um lado, a região, particularmente os países da América do Sul, está tendo inéditos superávits em conta corrente. Adicionalmente, houve um aumento pronunciado da liquidez internacional. Por outro lado, nos EUA, as taxas de juros de curto prazo estão significativamente mais altas do que os juros de longo prazo, como as dos títulos de 10 ou 30 anos. Além disso, a diferença entre os juros dos títulos da dívida externa paga pelos países da América do Sul e a dívida dos EUA estão no nível mais baixo já registrado.

Em relação à dívida interna, as taxas de juros estão também bastante inferiores aos índices históricos. Venezuela e Argentina estão praticando taxas de juros reais negativas, a taxa nominal de juros do Brasil é a mais baixa das últimas décadas. Isso significa que o custo da estratégia de aquisição de reservas para proteção contra um possível aumento dos juros nos EUA e da retração da liquidez internacional está muito baixo.

Nesse contexto, os níveis de reservas internacionais estão batendo recordes nos principais países da região, como o Brasil, a Argentina, o Chile, a Venezuela e a Colômbia. Nos últimos 6 meses, as reservas internacionais dos países da América do Sul, com exceção do Equador, do Paraguai e da Guianas, cresceram 24% e atingiram US\$ 214 bilhões. As reservas internacionais cresceram mais rápido nos últimos 6 meses no Brasil (+39%), na Argentina (+38%) e na Bolívia (+27%).

Tabela 1 – Reservas internacionais nos países da América do Sul em 2006

Países	Reservas internacionais em 29/12/2006	Crescimento dos últimos seis meses	Relação reservas dez06/ importações FOB 2006* (meses)
Brasil	US\$ 85,8 bilhões	39%	11
Venezuela	US\$ 37,4 bilhões	17%	14
Argentina	US\$ 32,4 bilhões	38%	12
Chile	US\$ 19,2 bilhões	11%	6
Peru	US\$ 17,3 bilhões	19%	14
Colômbia	US\$ 15,5 bilhões	7%	8
Bolívia**	US\$ 3,1 bilhões	27%	13
Uruguai	US\$ 3,1 bilhões	-11%	8
Total	US\$ 213,8 bilhões	24%	11

* Os dados de importações em 2006 são estimativas da CEPAL

**Os dados são respectivamente de novembro e maio de 2006.

Fonte: Banco Central dos países e CEPAL

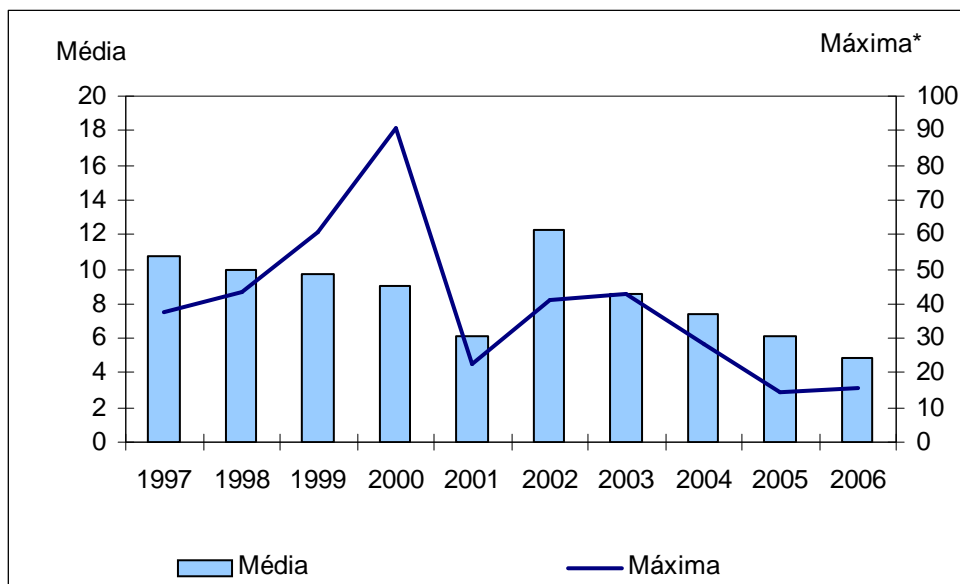
Um dos indicadores mais utilizados para medir se a disponibilidade de divisas está em um nível adequado é a relação entre as importações e a quantidade de reservas. Geralmente, esse indicador é medido pela quantidade de meses de importação. Pode-se verificar na tabela que os países com maior quantidade de reservas por esse indicador são: Venezuela (14 meses de importação), Peru (14), Bolívia (13), Argentina (12) e Brasil (11). Nota-se que, de acordo com a CEPAL, todos esses países tiveram superávit em conta corrente nos últimos três anos.

2.5) Inflação

De acordo com as cifras preliminares da CEPAL, no ano passado, a inflação média da América Latina foi de 4,8%, consolidando uma tendência generalizada de queda na taxa de inflação. Mesmo países que priorizam taxas elevadas de crescimento econômico ao controle estrito da inflação, como Argentina e Venezuela, têm conseguido manter suas taxas de inflação sob controle. Como se pode verificar no gráfico

2.4, há uma tendência de queda tanto da média quanto da taxa máxima da inflação nas maiores economias da região.

Gráfico 2.4 – Taxa de inflação média e máxima na América Latina



* Taxa de inflação máxima entre as maiores economias da região
Fonte: CEPAL

2.6) Indicadores sociais

O atual ciclo de crescimento destaca-se também pela melhora dos indicadores sociais, destacadamente, aumento do emprego e da remuneração real do trabalho. Ao contrário dos anos 1990 e do começo da atual década, os indicadores sociais na América Latina estão melhorando substancialmente.

Entre 1991 e 2002, segundo a CEPAL, o desemprego médio na região aumentou de 5,8% para 11%. O desemprego cresceu, mesmo no período de expansão econômica entre 1991 e 1994. Nos últimos quatro anos, a taxa de desemprego está em queda. De acordo com a cifra preliminar da CEPAL, o desemprego caiu para 8,7% em 2006, frente um desemprego médio de 11% em 2003.

Os países com crescimento econômico acelerado são os que tem conseguido reduzir com mais velocidade a taxa de desemprego, como mostram os exemplos da Argentina (queda de 17,3% em 2003 para 10,4% no ano passado), da Venezuela (queda de 18,0% em 2003 para 9,8% no ano passado) e do Uruguai (queda de 16,9% em 2003 para 11,6% em 2006). Por outro lado, países como Brasil, Chile e Colômbia apresentaram uma queda moderada do desemprego, enquanto a taxa de desemprego no México e no Equador manteve-se estável.

Além da queda do desemprego, deve-se destacar um significativo crescimento da remuneração real dos trabalhadores. Os países que mais se destacaram foram Argentina, Chile e Venezuela. Deve-se destacar que o crescimento médio do salário real na Argentina foi de 8,4% ao ano nos últimos 3 anos. Esta tendência de crescimento da remuneração real é um nítido contraste com o período anterior, entre 1991 e 2003, no qual diversos países da região tiveram queda do salário real.

2.7) Contas públicas

A melhora dos preços de produtos básicos e o crescimento econômico levaram a um aumento generalizado dos recursos disponíveis para os governos, especialmente pelo aumento da arrecadação tributária em países especializados em produtos não-renováveis. Bolívia, Chile e Venezuela também se beneficiaram da criação de novos impostos visando obter recursos oriundos do uso de seus recursos naturais, respectivamente gás natural, cobre e petróleo.

Em contraste com outros períodos de crescimento, os países da região procuraram manter as contas públicas em equilíbrio durante os últimos quatro anos, sem deixar de atender as demandas legítimas por aumento do dispêndio. Embora muitos países tenham elevado seus gastos correntes, especialmente os gastos sociais, destacaram-se os casos de Argentina, México e Venezuela como países que promoveram uma recomposição do gasto em favor de maior investimento público.

2.8) Considerações finais

A CEPAL resume a atual fase de crescimento da América Latina e o Caribe com a seguinte expressão: otimismo com cautela. De fato, a região atravessa um período bastante favorável em termos históricos. Não apenas as taxas de crescimento são expressivas considerando os últimos 25 anos, como este crescimento é mais equilibrado e sustentável do que os períodos de expansão anteriores, como mostram os dados do setor externo, das contas públicas e dos indicadores sociais.

Os resultados positivos, porém, devem ser avaliados em conjunto com o contexto internacional. A economia mundial cresceu em média 4,9% ao ano entre 2003 e 2006, enquanto as economias asiáticas registraram expansão de 8,7% ao ano em média e os países da Europa central e do leste cresceram 5,5% ao ano. Neste mesmo período, as economias latino-americanas cresceram em média 4,4% ao ano.

No âmbito regional, deve-se destacar que a América do Sul apresentou um desempenho significativamente superior ao do México e da América Central. No período considerado, o crescimento do PIB na América do Sul foi de 4,9%, enquanto no México e na América Central foi de 3,5%.

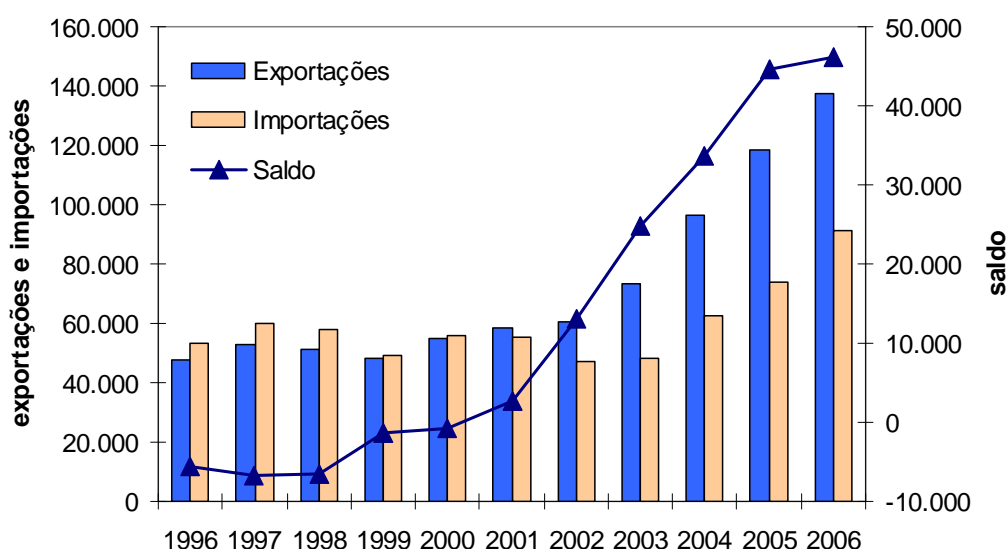
Em virtude do baixo risco de crise cambial e de contração das políticas monetárias e fiscais, organismos internacionais esperam que nos próximos anos a América Latina e o Caribe mantenham um bom desempenho econômico, embora com ligeira desaceleração das taxas de crescimento. Esta perspectiva positiva, entretanto, não exime a América Latina e o Caribe de buscar soluções para assegurar a sustentabilidade de altas taxas de crescimento no futuro.

3) O SETOR EXTERNO DA ECONOMIA BRASILEIRA

Em 2006, as exportações brasileiras alcançaram US\$ 137,5 bilhões, valor recorde na história da economia brasileira. As importações e o saldo comercial também alcançaram os mais altos valores já obtidos, sendo, respectivamente, de US\$ 91,4 bilhões e US\$ 46,1 bilhões. A corrente de comércio apresentou crescimento de 20,2% em relação ao ano passado.

Desde 2001, as exportações brasileiras têm ultrapassado as importações apresentando uma tendência de saldos positivos na balança comercial – ver gráfico 3.1. Em 2006, as exportações cresceram 17,1%, e as importações 25,2% frente a 2005, ou seja, observou-se uma elevação das importações maior do que as exportações. Entretanto, não foi comprometido o saldo da balança comercial brasileira, que aumentou US\$ 1,3 bilhão em valor absoluto, permanecendo em níveis superiores a todos os anos anteriores. As exportações continuaram a apresentar um valor absoluto suficientemente alto para que fosse mantido o elevado superávit nas contas comerciais, a despeito do crescimento das importações.

Gráfico 3.1 Balança comercial brasileira: 1996 a 2006
(em US\$ milhões)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da Secex/MDIC

As exportações brasileiras, no ano passado, apresentaram aumentos em todas as categorias de valor agregado. Os produtos básicos, manufaturados e semimanufaturados registraram aumentos de, respectivamente, 16,9%, 15,6% e 23,3% em relação aos doze meses de 2005, e um volume total de US\$ 40,3 bilhões, US\$ 74,7 bilhões e US\$ 19,5 bilhões.

Dentre os produtos básicos, o crescimento mais expressivo, em 2006 frente ao ano anterior, foi verificado nas vendas de trigo em grãos, 340,2% e um volume total de US\$ 64,4 milhões, que teve como principais compradores Filipinas, Espanha, Vietnã e Egito. Contudo, o produto com maior volume de exportações entre os básicos foi o minério de ferro com um total de US\$ 8,9 bilhões, resultando em um aumento de 22,6%, tendo como principais destinos: China, Japão, Alemanha e Itália.

Os principais produtos manufaturados a apresentar crescimento em relação a 2005 foram: álcool etílico (+109,6%; no total de US\$ 1,6 bilhão), óxidos e hidróxidos de alumínio (+92,5%; no total de US\$ 1,1 bilhão), óleo de soja refinado (+63,3%; US\$ 399,4 milhões) e torneiras e válvulas (+55,2%; US\$ 304,9 milhões).

No *ranking* dos grandes exportadores brasileiros, existem tanto empresas produtoras e/ou comerciantes de produtos básicos quanto de manufaturados – ver Tabela 3.1. As vinte maiores empresas cresceram em média, 21 pontos percentuais, enquanto as demais empresas cresceram 14,2%, o que indica um movimento de aumento das exportações totais em decorrência, principalmente, das maiores exportadoras, as quais apresentaram uma elevação de sua participação na pauta exportadora, passando de 30,5% em 2005 para 31,8% em 2006.

A Petrobras apareceu em primeiro lugar, com uma participação de 8,1% nas exportações totais para o ano de 2006, enquanto em 2005 esta participação era de 6,4%. Cabe ressaltar o crescimento das exportações da Petrobras que foi de 46,2% em 2006, alcançando a cifra de US\$ 11,1 bilhões. Em segundo e terceiro lugar estão a Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) e a Embraer, com participações de 4,4% e 2,4%, respectivamente. Algumas empresas exibiram significativo crescimento: Copersucar (56,8%), Albras (48,3%) e JBS (45,1%).

**Tabela 3.1 Principais empresas brasileiras exportadoras:
janeiro a dezembro de 2005 e 2006 (US\$ milhões e %)**

Rk	Empresas exportadoras	Exportações		Var. % 2006/05	Participação %	
		2006	2005		2006	2005
1	PETROLEO BRASILEIRO S A PETROBRAS	11.087,5	7.585,5	46,2	8,1	6,4
2	COMPANHIA VALE DO RIO DOCE	5.990,3	4.817,2	24,4	4,4	4,1
3	EMBRAER EMPRESA BRASILEIRA DE AERONAUTICA S A	3.269,1	3.266,6	0,1	2,4	2,8
4	VOLKSWAGEN LTDA	2.279,4	2.136,9	6,7	1,7	1,8
5	BUNGE ALIMENTOS S/A	2.267,1	2.193,9	3,3	1,7	1,9
6	CARGILL AGRICOLA S A	1.606,2	1.403,5	14,4	1,2	1,2
7	GENERAL MOTORS DO BRASIL LTDA	1.573,3	1.570,2	0,2	1,1	1,3
8	FORD MOTOR COMPANY BRASIL LTDA	1.564,9	1.462,0	7,0	1,1	1,2
9	MOTOROLA INDUSTRIAL LTDA	1.411,2	1.035,4	36,3	1,0	0,9
10	MINERACOES BRASILEIRAS REUNIDAS S A MBR	1.356,1	1.078,9	25,7	1,0	0,9
11	SADIA S.A	1.316,5	1.381,2	-4,7	1,0	1,2
12	COMPANHIA SIDERURGICA DE TUBARAO	1.313,6	1.188,0	10,6	1,0	1,0
13	DAIMLERCHRYSLER DO BRASIL LTDA	1.282,1	1.302,4	-1,6	0,9	1,1
14	ALBRAS ALUMINIO BRASILEIRO S/A	1.139,3	768,5	48,3	0,8	0,7
15	CATERPILLAR BRASIL LTDA	1.136,1	980,4	15,9	0,8	0,8
16	SAMARCO MINERACAO S.A	1.086,7	986,6	10,2	0,8	0,8
17	COPERSUCAR	1.068,4	681,4	56,8	0,8	0,6
18	BRASKEM S/A	983,3	880,7	11,7	0,7	0,7
19	SCANIA LATIN AMERICA LTDA	943,7	739,7	27,6	0,7	0,6
20	JBS S/A	922,4	635,9	45,1	0,7	0,5
Total das empresas relacionadas acima		43.597,1	36.094,8	20,8	31,8	30,5
Demais empresas		93.872,6	82.213,6	14,2	68,3	69,5
Total Geral		137.469,7	118.308,4	16,2	100,0	100,0

Fonte: MDIC / Secex

Os principais destinos das exportações brasileiras em 2006 foram os países da ALADI, com um total de US\$ 31,4 bilhões, superando os da União Européia – ver tabela 3.2. As exportações brasileiras àqueles países cresceram em termos absolutos US\$ 6,0 bilhões em relação ao ano passado, o que significou um aumento de 23,4 em pontos percentuais.

Tabela 3.2 Balança comercial brasileira segundo blocos econômicos: janeiro a dezembro de 2005 e 2006 (US\$ milhões e variação %)

	Exportações		Var. % 2006/05	Importações		Var. % 2006/05
	2006	2005		2006	2005	
União Européia	30.373,0	26.492,5	14,6	20.125,5	18.145,6	10,9
Holanda	5.743,9	5.283,0	8,7	785,6	586,6	33,9
Alemanha	5.675,3	5.023,3	13,0	6.502,8	6.144,4	5,8
Itália	3.828,9	3.223,6	18,8	2.569,6	2.276,2	12,9
EUA ⁽¹⁾	24.679,0	22.741,4	8,5	14.850,5	12.852,7	15,5
ALADI ⁽²⁾	31.382,0	25.428,3	23,4	16.327,3	11.616,5	40,6
MERCOSUL	13.950,4	11.726,1	19,0	8.970,6	7.053,7	27,2
Argentina	11.713,8	9.915,4	18,1	8.056,5	6.241,1	29,1
Uruguai	1.006,1	849,6	18,4	618,2	493,7	25,2
Paraguai	1.230,5	961,1	28,0	295,9	318,9	-7,2
Bolívia	693,9	580,1	19,6	1.448,4	989,8	46,3
Chile	3.896,0	3.612,2	7,9	2.908,0	1.746,0	66,5
Colômbia	2.128,9	1.405,6	51,5	247,9	137,7	80,0
Cuba	343,3	245,5	39,8	31,6	38,9	-18,7
Equador	873,3	646,1	35,2	30,4	91,7	-66,9
México	4.440,4	4.063,6	9,3	1.309,9	843,6	55,3
Peru	1.500,8	932,9	60,9	788,9	459,1	71,8
Venezuela	3.555,0	2.216,2	60,4	591,6	256,0	131,1
Ásia ⁽³⁾	20.792,7	18.552,2	12,1	22.886,4	16.870,1	35,7
China	8.399,5	6.833,7	22,9	7.989,1	5.354,5	49,2
Japão	3.883,9	3.476,1	11,7	3.839,4	3.405,0	12,8
Índia	936,6	1.136,8	-17,6	1.473,9	1.202,9	22,5
África	7.448,6	5.977,3	24,6	8.088,8	6.662,0	21,4
África do Sul	1.459,3	1.369,4	6,6	434,9	341,5	27,3
Nigéria	1.373,4	953,1	44,1	3.884,6	2.652,1	46,5
Oriente Médio	5.745,3	4.286,1	34,0	3.160,2	2.509,6	25,9
Irã	1.567,9	968,5	61,9	30,9	3,0	943,2
Arábia Saudita	1.485,4	1.203,3	23,4	1.617,0	1.339,5	20,7
Europa Oriental	4.496,1	3.860,7	16,5	1.508,4	1.173,8	28,5
Rússia	3.443,1	2.917,3	18,0	942,5	722,1	30,5
Romênia	341,2	300,6	13,5	30,6	16,3	88,2
Demais	12.552,9	10.969,9	14,4	4.448,6	3.775,2	17,8
Total	137.469,7	118.308,4	16,2	91.395,6	73.605,5	24,2

Fonte: MDIC/Secex

⁽¹⁾ inclui Porto Rico.⁽²⁾ inclui Mercosul.⁽³⁾ exclusive Oriente Médio.

Entretanto, o maior crescimento relativo das exportações, dentre os blocos de destino, foi para o Oriente Médio (34,0%), que teve sua participação ampliada na pauta exportadora de 3,6%, em 2005, para 4,2%, em 2006. O mais importante destino da região foi o Irã, que importou US\$ 1,6 bilhão em produtos brasileiros, o que representou um aumento de 61,9% frente ao ano de 2005.

Em termos relativos as importações provenientes dos países da ALADI alcançaram maior variação (40,6%). Já em termos absolutos, o maior crescimento observado foi das importações asiáticas, as quais foram ampliadas em US\$ 6,0 bilhões, em decorrência da elevada variação na aquisição de produtos chineses (US\$ 2,6 bilhões).

Os Estados Unidos e a Argentina ocupam, respectivamente, a primeira e a segunda posição, tanto como países de destino das exportações brasileiras, como paí-

ses de origem das importações. Apesar do Brasil ter apresentado superávit comercial, em 2006, com estes dois países (US\$ 9,7 bilhões e US\$ 3,7 bilhões), a variação destes saldos, em comparação a 2005, foi negativa, em 0,7% com os Estados Unidos e 0,5% com a Argentina.

Em termos percentuais, o maior crescimento das exportações brasileiras, dentre os países latino-americanos, foi para o Peru. As vendas externas para aquele país se elevaram em 60,9%, atingindo US\$ 1,5 bilhão em 2006, principalmente em decorrência de produtos tais como: óleos brutos de petróleo, fio-máquina, aparelhos transmissores ou receptores e veículos de carga. Em relação às importações, foi a compra de produtos venezuelanos que apresentou maior variação 131,1%, constituída em sua maior parte por derivados de petróleo.

As exportações brasileiras segundo seus portos de embarque

O Porto de Santos foi o principal local de embarque dos produtos exportados pelo Brasil em 2006, sendo responsável por 28,9% do valor vendido ao exterior. Em segundo lugar esteve o Porto de Vitória (US\$ 12,5 bilhões; 9,1% da pauta brasileira total) e, em terceiro, o de Paranaguá (US\$ 9,1 bilhões; 6,6% da pauta). Os 15 principais portos do país movimentaram 85,5% das exportações brasileiras em 2006. Destes portos, 7 estão localizados na Região Sudeste, 5 na Sul, 2 na Nordeste e 1 na Norte – ver Tabela 3.3.

Em 2006, o maior crescimento relativo ocorreu nas exportações pelo Porto de Macaé. As vendas de petróleo elevaram os embarques pelo porto daquela cidade em 135,3% no ano passado. O porto de Munguba, no Pará, também apresentou elevada taxa de crescimento em valor nos seus embarques (+61,4% em relação a 2005), devido principalmente às exportações de alumínio e alumina calcinada.

**Tabela 3.3: Os 15 principais portos brasileiros: 2006 e 2005
(em US\$ milhões)**

	Porto	Estado	2006	2005	2006/ 2005	Participação em 2006
1	Santos	São Paulo	39.755	32.799	21,2%	28,9%
2	Vitória	Espírito Santo	12.522	11.328	10,5%	9,1%
3	Paranaguá	Paraná	9.061	8.595	5,4%	6,6%
4	Rio Grande	Rio Grande do Sul	7.645	7.141	7,1%	5,6%
5	Sepetiba	Rio de Janeiro	7.086	5.477	29,4%	5,2%
6	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	6.852	5.581	22,8%	5,0%
7	Itajaí	Santa Catarina	5.522	4.898	12,7%	4,0%
8	São Luis	Maranhão	4.804	3.828	25,5%	3,5%
9	Uruguaiana (rodovia)	Rio Grande do Sul	4.554	4.570	-0,4%	3,3%
10	São Paulo (aeroporto)	São Paulo	4.464	3.951	13,0%	3,2%
11	Campinas (aeroporto)	São Paulo	3.567	2.809	27,0%	2,6%
12	Macaé	Rio de Janeiro	3.337	1.418	135,3%	2,4%
13	Salvador	Bahia	2.894	3.013	-4,0%	2,1%
14	São Francisco do Sul	Santa Catarina	2.819	2.771	1,8%	2,1%
15	Munguba	Pará	2.618	1.622	61,4%	1,9%
	Demais		19.968	18.507	7,9%	14,5%
	Total		137.470	118.308	16,2%	100,0%

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da Secex/MDIC.

O maior déficit comercial brasileiro, dentre os principais blocos, foi com os países asiáticos, e atingiu um valor de US\$ 2,1 bilhões, no ano passado. As vendas de produtos brasileiros àqueles países cresceram 12,1% no período, mas o crescimento das importações chegou a 35,7%. Isto se deve, em grande medida, ao desempenho das importações de produtos chineses que aumentaram 49,2% em comparação a 2005, obtendo um volume de US\$ 8,0 bilhões. As exportações brasileiras para a China também cresceram significativamente, 22,9%, o que proporcionou um superávit de US\$ 410,4 milhões. Os principais produtos exportados foram: minério de ferro, soja em grão, petróleo bruto, celulose e couros e peles. Vale ressaltar que a China ultrapassou a Alemanha nas vendas de bens para o Brasil, assumindo a terceira posição no ranking de países.

Assim como em 2005, o maior déficit brasileiro foi com a Nigéria, que obteve um valor de US\$ 2,5 bilhões em 2006, representando um aumento de 47,8% frente ao saldo do ano anterior. As importações de produtos nigerianos foram constituídas, basicamente, por petróleo bruto, o qual fez parte de 96,2% destas.

As importações totais de combustíveis e lubrificantes representaram 16,6% da pauta brasileira em 2006, sendo que somente as importações de petróleo foram de US\$ 9,1 bilhões. A maior parte das importações brasileiras são de produtos intermediários e matérias-primas; incluídos os combustíveis e lubrificantes, os intermediários representaram 66,1% da pauta total no ano passado. Os bens de capital representaram 20,7% das importações e os bens de consumo, apenas 13,1%. Apesar de ter sido a categoria de menor participação na pauta, a de bens de consumo foi a que mais cresceu em 2006, apresentando um incremento de 42,5% em relação a 2005. As compras de combustíveis e lubrificantes cresceram 28,4%; as de bens de capital, 23,9% e as de matérias-primas e bens intermediários, 20,8%.

Seguindo a classificação por intensidade tecnológica elaborada pela UNCTAD, o maior crescimento relativo das importações brasileiras em 2006 ocorreu na categoria de commodities primárias (exceto petróleo): +40,7% em relação a 2005 – ver tabela 3.4.

Um dos principais itens importados foi o cobre e seus derivados. As compras de cobre refinado representaram US\$ 1,2 bilhão em 2006, tendo mais que dobrado suas importações em relação ao ano anterior. A importação de minério de cobre foi de US\$ 1,1 bilhão, apresentando crescimento (+135,5%) ainda maior do que as de cobre refinado. Estiveram presentes também os produtos de cobre, apesar de em menor valor. Os fios de cobre representaram US\$ 275 milhões no ano e também apresentaram elevado crescimento (+143,7%) em relação a 2005.

Outro importante produto básico importado pelo Brasil foi o trigo, totalizando US\$ 988 milhões em 2006 (+52,7% em relação a 2005). Os produtos alimentícios primários não apresentaram participação muito elevada nas importações brasileiras em 2006, porém, além do trigo, destacaram-se as compras de malte não torrado (US\$ 218 milhões; +12,4% em relação a 2005), vinhos (US\$ 118 milhões; +39,8%) e arroz branco (US\$ 116 milhões; +57,5%).

Tabela 3.4 - Importações brasileiras por categoria de intensidade tecnológica: 2006 e 2005 (em US\$ milhões)

Categoria	2006	2005	2006 / 2005	Participação 2006
Commodities primárias	10.099	7.179	40,7%	11,0%
Manufaturas intensivas em mão-de-obra	4.497	3.356	34,0%	4,9%
Manufaturas de baixa intensidade tecnológica	4.127	3.063	34,7%	4,5%
Manufaturas de média intensidade tecnológica	23.001	19.111	20,4%	25,2%
Manufaturas de alta intensidade tecnológica	31.610	26.757	18,1%	34,6%
Combustíveis e produtos não classificados	18.062	14.138	27,8%	19,8%
Total	91.396	73.605	24,2%	100,0%

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da Secex/MDIC e metodologia da UNCTAD

O Brasil compra do exterior poucos tipos de commodities primárias; os três primeiros itens (cobre refinado, minério de cobre e trigo) foram responsáveis por 1/3 do total da categoria em 2006. A própria participação delas na pauta é pequena, foi de apenas 11% no ano.

A importação de combustíveis, classificados em categoria própria pela UNCTAD, ocorreu em maior magnitude, sendo responsável por 20% da pauta em 2006. A importação de óleo bruto de petróleo foi responsável por pouco mais da metade desse resultado, totalizando US\$ 9,1 bilhões em 2006.

A principal categoria nas importações brasileiras é a de bens de alta intensidade, tendo sido a de maior crescimento absoluto em 2006. O crescimento relativo da categoria foi inferior à média, mas em termos absolutos houve o incremento de mais de US\$ 4,9 bilhões em relação a 2005. O Brasil importou, em 2006, quase 1.200 itens classificados como de alta intensidade tecnológica. Houve o predomínio de bens intermediários, compostos em grande medida por partes e peças de aparelhos eletrônicos e produtos químicos – ver Tabela 3.5. Foi significativa a importação de partes para a montagem e fabricação de telefones celulares e microcomputadores.

Tabela 3.5
Importações brasileiras na categoria de alta intensidade tecnológica: 2006 e 2005 (em US\$ milhões)

Rk	Produto	Código no Sistema Harmonizado	2006	2005	2006 / 2005
1	Peças para aparelhos de telecomunicação	852990	2.174	1.490	45,9%
2	Circuitos integrados digitais	854221	2.077	1.688	23,0%
3	Medicamentos	300490	1.258	918	37,0%
4	Peças para equipamentos de informática	847330	1.252	929	34,8%
5	Aubos ou fertilizantes de potássio	310420	950	960	-1,0%
6	Peças de aviões e helicópteros	880330	944	788	19,7%
7	Dispositivos de cristais líquidos (LCD)	901380	788	551	43,1%
8	Circuitos integrados, exceto digitais	854229	746	710	5,1%
9	Aparelhos de telecomunicação	852520	536	457	17,3%
10	Unidades de memória para informática	847170	500	313	59,5%
	Demais produtos		20.385	17.953	13,5%
	Total		31.610	26.757	18,1%

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da Secex/MDIC e metodologia da UNCTAD

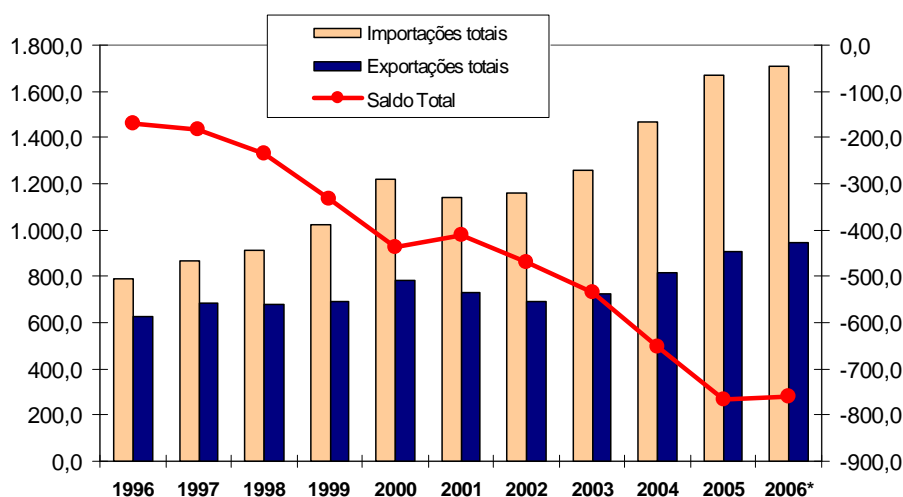
MATÉRIA ESPECIAL:**O déficit comercial dos Estados Unidos e a estrutura de sua pauta de importações**

Fabício Catermol
Thais Krutman

O déficit comercial dos Estados Unidos apresenta sucessivos recordes históricos, tendo crescido, em dez anos, mais de 4 vezes. Em 2005, o déficit na balança comercial norte-americana foi de US\$ 766,6 bilhões e, nos onze primeiros meses de 2006, registrou um valor 8,0% maior do que no mesmo período do ano anterior. Apesar de ainda não superar o total daquele ano, o déficit aumentou US\$ 56,1 bilhões no acumulado de 2006 em relação ao mesmo período do ano anterior.

Os Estados Unidos apresentam a maior balança comercial do mundo, sendo responsáveis por aproximadamente 25% do comércio mundial. A sua pauta de exportações de bens é a segunda maior em valor, alcançando US\$ 900 milhões em 2005 e sendo superada, por não muito, pela Alemanha. Segundo estimativas do U.S. Census Bureau (2007) existem mais de 239 mil empresas exportadoras nos Estados Unidos, sendo em sua maior parte pequenas e médias empresas. Pelo lado das importações, seus valores são ainda mais expressivos: os Estados Unidos são os principais importadores mundiais, superando o segundo colocado em cerca de US\$ 1 bilhão em compras de bens. As compras externas norte-americanas são significativamente superiores à soma dos dois países seguintes no ranking mundial de importações (Alemanha e China) e quase tão grandes quanto a dos três principais países europeus (Alemanha, Reino Unido e França).

Gráfico 1
Balança comercial de bens dos Estados Unidos: 1996 a novembro de 2006 (em US\$ bilhões)



* até novembro

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da United States International Trade Commission

A controvérsia sobre o déficit

O elevado e crescente déficit comercial dos Estados Unidos representa uma situação que tem suscitado um amplo debate entre os analistas da economia daquele país.

Obstfeld e Rogoff (2000 e 2005) observam que o déficit em conta corrente acima de 6,0% do PIB dos Estados Unidos pode provocar um penoso colapso do dólar. O balanço de pagamentos norte-americano estaria em uma trajetória insustentável no médio prazo. A inevitável reversão, se gradual, poderia precipitar uma mudança na taxa de câmbio real acima de 10,0%; se abrupta, um grande overshooting na cotação da moeda americana. A situação seria semelhante à vivida na década de 1970, com o colapso do sistema de Bretton Woods.

Parece ser consenso, entre os analistas da economia norte-americana, que não é uma questão trivial mudar sua trajetória de déficits elevados e crescentes. O déficit comercial dos Estados Unidos estaria baseado em fatores de longo prazo: dependência energética, fraca demanda mundial por serviços e produtos manufaturados norte-americanos e a alta cotação do dólar no mercado internacional apesar das recentes quedas (Weller, 2006). Todavia, não é ponto pacífico a premência do ajuste e/ou sua própria necessidade.

Truman (2005) lembra que as análises realizadas em 1998, quando o déficit ultrapassou US\$ 200 bilhões (2,4% do PIB), já consideravam a existência de uma trajetória insustentável para as contas externas norte-americanas. Decorridos quase dez anos não houve o ajuste e, de modo contrário, foram ampliados o volume do déficit e sua participação na produção do país. Apesar de nem os cidadãos americanos, nem os países estrangeiros desejarem o ajuste, o autor considera que ele deverá ocorrer nos próximos 5 anos. O déficit em conta corrente do país deve diminuir para 3,0% do PIB nesse período.

Edwards (2005) adverte que o ajuste será necessário em um futuro próximo mesmo que dependa do quanto os investidores internacionais continuem a demandar ativos norte-americanos em seus portfólios. Os investidores internacionais e bancos centrais estrangeiros podem continuar a demandar ativos norte-americanos de forma significativa, mas o déficit em conta corrente deve experimentar um forte declínio em um futuro não muito distante.

O aparente consenso sobre a inevitabilidade do ajuste da conta corrente norte-americana não se repete quando mencionado o prazo para a ocorrência desse evento. Debelli e Galati (2005), em estudo realizado a partir do histórico de países industrializados nos últimos 30 anos, concluem que ajustes de déficits em conta corrente são difíceis de prever. Embora os ajustes sejam, após a sua deflagração, acompanhados de queda na taxa de crescimento e fortes depreciações da moeda do país, não existem mudanças perceptíveis nos fluxos de capitais antes do próprio ajuste acontecer.

Por outro lado, não há unanimidade sobre o déficit norte-americano apesar da grande convergência de opiniões em torno de sua insustentabilidade. Dooley, Folkerts-Landau e Garber (2004) argumentam que o déficit em conta corrente dos Estados Unidos não apenas é sustentável, mas também é parte integral de um sistema monetário internacional bem sucedido, baseado em “fluxos líquidos de poupança dos países periféricos (pobres) para os centrais (ricos), ou seja, de déficits em conta corrente para o centro e superávits para a periferia” (p.2). A rápida industrialização dos países da periferia – em especial do leste-asiático, e notadamente a chinesa –, requer um gran-

de fluxo de entrada de investimentos externos diretos e, dessa forma, um grande déficit na conta corrente dos países desenvolvidos na provisão de seu colateral. As reservas líquidas internacionais são a contrapartida empírica da definição de colateral dos autores, que seguem um modelo similar ao de Obstfeld (1994), ao conjecturar que o crescimento rápido de um país pode ser o resultado da exportação de poupança bruta de mercados domésticos distorcidos e seu retorno ao país pobre em canais de intermediação financeira mais eficientes, tal como pelo investimento externo direto.

O reconhecimento das características de longo prazo e da imprevisibilidade de um possível ajuste da conta corrente norte-americana traz luz para a questão sem ignorar sua complexidade. Entretanto, apesar de muita atenção ter sido dada aos efeitos macroeconômicos do déficit comercial dos Estados Unidos na economia internacional, um aspecto menos percebido é a própria estrutura de suas importações. A percepção dos componentes formadores da pauta de importação dos Estados Unidos parece reforçar o diagnóstico de fatores estruturais em seu déficit também na parte essencialmente de comercialização de bens. A desagregação por produtos e países reflete uma dependência produtiva no mercado internacional árdua de ser alterada no curto prazo.

A proporção entre o número de países com déficit e superávit na comercialização de bens em relação aos Estados Unidos é equilibrada. Em 2005, houve 118 países com os quais os Estados Unidos tiveram déficit comercial e 112 com os quais apresentaram superávit. Entretanto, os países que possuem contas comerciais deficitárias com os Estados Unidos apresentam, em geral, apenas um valor pequeno nesse resultado, mas existem países com grande superávit.

A Holanda foi o único país com o qual os Estados Unidos apresentaram, em 2005, saldo comercial superior a US\$ 10 bilhões, e este superávit continua crescendo, uma vez que quando comparado os onze primeiros meses de 2006 ao mesmo período de 2005, observa-se um aumento de 19,9%. Mas foram observados 19 países para os quais os Estados Unidos apresentaram déficit superior àquele valor. Há grandes déficits com um conjunto relativamente menor de origens, embora diversificado por continentes, a incluir países da Europa (Alemanha, Itália, Irlanda, Suécia etc.), Ásia (China, Japão, Malásia, Coreia do Sul etc.), América Latina (México e Venezuela), África (Nigéria) e Oriente Médio (Arábia Saudita).

O déficit comercial médio dos Estados Unidos com o Brasil foi, nos últimos dois anos, de aproximadamente US\$ 9,7 bilhões. O Brasil foi um dos poucos países que apresentaram reversão da tendência ao longo dos últimos anos. Até 2001, houve superávit dos Estados Unidos para com o Brasil, que chegou a US\$ 6,3 bilhões em 1997. A reversão ocorreu notadamente com a exportação de produtos manufaturados, a exemplo de aviões, motores para veículo, autopeças e calçados. Outros raros exemplos de reversão de superávit para déficit foram o da Coreia, a partir de 1997, e o do Reino Unido, a partir de 2002.

Tabela 1
Saldo comercial dos Estados Unidos por países: 10 primeiros países com superávit e 10 primeiros países com déficit (em US\$ milhões e variação %)

País	1996	1999	2002	2005	2006 (até novembro)	Variação 2005 / 1996	Variação 2006 / 2005 (até nov)
1 Holanda	9.997	10.939	8.471	11.634	12.507	16,4%	19,9%
2 Austrália	8.137	6.520	6.606	8.430	8.815	3,6%	14,7%
3 Hong Kong	4.088	2.116	3.283	7.429	8.701	81,7%	29,4%
4 Emirados Árabes	2.031	2.002	2.661	7.007	9.563	245,0%	56,9%
5 Bélgica	5.741	3.177	3.508	5.589	5.932	-2,6%	14,4%
6 Cingapura	-3.655	-1.941	1.429	5.529	5.227	-	0,4%
7 Panamá	1.032	1.376	1.105	1.842	2.120	78,5%	27,6%
8 Jamaica	652	616	1.028	1.310	1.338	100,9%	11,5%
9 Egito	2.481	2.408	1.514	1.078	1.563	-56,6%	53,2%
10 Bahamas	560	648	517	1.069	1.682	91,0%	74,0%
10 Itália	-9.437	-12.344	-14.201	-19.496	-18.489	106,6%	2,4%
9 Arábia Saudita	-1.486	-336	-8.364	-20.398	-22.376	1272,8%	19,1%
8 Nigéria	-5.033	-3.733	-4.907	-22.573	-23.647	348,5%	16,1%
7 Malásia	-9.303	-12.350	-13.662	-23.252	-21.753	149,9%	3,3%
6 Venezuela	-8.162	-5.896	-10.662	-27.556	-26.179	237,6%	4,2%
5 México	-16.202	-22.662	-37.202	-50.149	-59.083	209,5%	28,8%
4 Alemanha	-15.469	-28.305	-35.852	-50.663	-43.563	227,5%	-5,6%
3 Canadá	-23.922	-34.411	-49.790	-76.450	-67.586	219,6%	-1,2%
2 Japão	-47.683	-73.920	-70.055	-82.682	-80.986	73,4%	6,7%
1 China	-39.517	-68.668	-103.115	-201.626	-213.549	410,2%	15,2%
Total	-168.488	-331.945	-470.291	-766.561	-758.266	355,0%	8,0%

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da United States International Trade Commission

A China é o principal país com superávit em relação aos Estados Unidos. Em 2005, o saldo comercial da China foi de US\$ 201,6 bilhões, valor mais do que o dobro do segundo país de maior superávit, o Japão. Em 2006, ocorreu uma variação de 15,2% no superávit chinês, mantendo a relação supracitada. O crescimento do superávit chinês foi acelerado nos últimos anos, tendo crescido mais de 400% nos últimos dez anos. Desde 2000, a China é o país de maior superávit comercial com os Estados Unidos, ano no qual ultrapassou o Japão.

A estrutura das importações

As importações dos Estados Unidos mais que dobraram nos últimos dez anos, embora as taxas de crescimento entre seus principais parceiros comerciais tenham sido diferenciadas na última década.

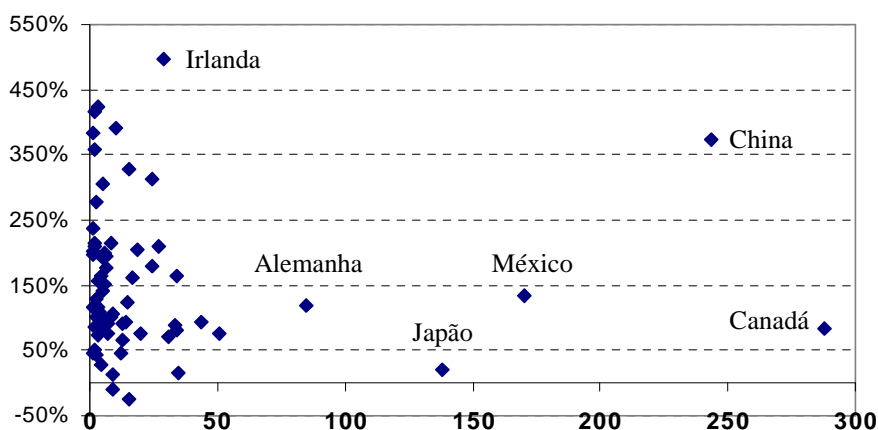
O Canadá é tradicionalmente o principal país de origem das compras externas dos Estados Unidos. Em 2005, houve US\$ 287,9 bilhões em exportações canadenses aos Estados Unidos, o que manteve o país no primeiro lugar no ranking, mas a taxa de crescimento das mesmas nos últimos anos é inferior à média total. As importações totais dos Estados Unidos cresceram 111,2% de 1996 a 2005, enquanto as provenientes do Canadá, 83,9%.

O crescimento das importações dos Estados Unidos de produtos canadenses não pode ser considerado pequeno; apesar de inferior à média, representou um incremento de US\$ 131,4 bilhões em termos absolutos. O valor só não foi superior ao incremento absoluto proveniente da China, de US\$ 192,0 bilhões no mesmo período. Bases de comparação maiores impedem maiores crescimentos, bem como o efeito inverso também ocorre. Nesse caso, um importante exemplo é o oriundo do comércio

com a Irlanda. As exportações daquele país para os Estados Unidos, saltaram de US\$ 4,8 bilhões em 1996 para US\$ 28,6 bilhões em 2005, ou seja, houve a fantástica marca de 496,5% de crescimento de suas vendas. São observados também vários países que exportavam menos de US\$ 1 bilhão em 1996 e cresceram mais de 500%, a exemplo de Eslováquia, Lituânia, Estônia e países da Ásia Central também pertencentes à antiga URSS. Mais do que um mero efeito estatístico, esse resultado reflete o deslocamento de indústrias manufatureiras para países de mão-de-obra mais barata na própria Europa e a diversificação da origem de combustíveis por suas adjacências.

O gráfico 2 mostra a correlação entre os valores importados pelos Estados Unidos em 2005 e as taxas de crescimento destes em 67 países. O painel de dados exclui países com vendas inferiores a US\$ 1,0 bilhão em 2005 e concentra 97,0% da pauta de importações dos Estados Unidos.

Gráfico 2
Taxas de crescimento das importações dos Estados Unidos entre 1996 e 2005 por países e seus respectivos valores em US\$ bilhões no ano de 2005



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da United States International Trade Commission

No gráfico, é possível observar que há grande concentração de países com exportações em valores absolutos e taxas de crescimento em uma faixa intermediária: 24 países apresentam exportações menores que US\$ 50 bilhões em 2005 e taxa de crescimento entre 50% e 150% em relação ao ano de 1996.

A China é o grande destaque ao apresentar valores absolutos e taxas de crescimento elevadas. Suas exportações para os Estados Unidos cresceram 373,0%, passando de US\$ 51,5 bilhões em 1996 para US\$ 243,5 bilhões em 2005. Os outros grandes exportadores para os Estados Unidos – México, Japão e Alemanha – apresentam taxas de crescimento próximas à do Canadá, e vendas de valor absoluto bem menores que a China e aquele país.

O crescimento do déficit dos Estados Unidos para com a China já era esperado desde meados da década de 1990. Um dos principais fatores a influenciar esse resultado foi o deslocamento da produção de bens importados pelos Estados Unidos dos países do leste asiático para a China, no decorrer do processo de migração de unidades fabris de manufaturas intensivas em mão-de-obra de outros países asiáticos àquele país (Feenstra et al., 1998). Entretanto, apesar da crescente importância dos produtos chineses nos Estados Unidos, como observado em Bown et al. (2006), a China é responsável por apenas ¼ do déficit norte-americano. Medidas protecionistas contra a

China pouco influenciariam os resultados em conta corrente dos Estados Unidos, que realiza compras em larga escala de outros países, tanto emergentes (por ex.: têxteis e confecções) quanto industrializados (por ex.: aço e autopeças).

Apesar da grande diversidade do número de origens e produtos, a pauta de importações dos Estados Unidos é relativamente concentrada: os 20 principais tipos de produtos comprados dos 5 principais países representaram 55,3% das importações totais do país em 2005.

Tabela 2
Principais países de origem das importações dos Estados Unidos e seus principais produtos em 2005 (em US\$ milhões)

Produto	Código no Sistema Harmonizado (4 dígitos)	Canadá	China	México	Japão	Alemanha	Total
1 Automóveis	8703	36.606	175	10.826	35.216	20.353	103.177
2 Petróleo bruto	2709	24.359	447	23.202	-	27	48.035
3 Material para informática	8471	927	29.883	5.653	2.780	380	39.622
4 Autopeças	8708	11.886	1.993	7.779	9.233	2.784	33.675
5 Gás	2711	29.231	-	92	-	-	29.323
6 Ap. de telecomunicação*	8525	1.553	12.409	2.827	4.593	211	21.593
7 Partes de mat. Informática	8473	782	10.078	1.279	5.077	263	17.479
8 Artigos reimportados	9801	8.745	643	4.177	2.375	1.433	17.372
9 Caminhões	8704	9.588	2	6.934	727	80	17.331
10 Televisores e monitores	8528	33	4.883	9.633	1.890	13	16.452
11 Petróleo, exceto bruto	2710	8.677	54	2.494	332	1.704	13.260
12 Operações especiais	9999	4.865	2.069	1.945	1.522	1.633	12.034
13 Móveis	9403	3.192	7.283	669	16	162	11.322
14 Móveis (assentos e estofados)	9401	1.849	4.622	3.510	194	177	10.352
15 Ap. de telefonia	8517	1.866	4.227	2.597	699	201	9.590
16 Motores de explosão	8407	3.104	101	1.950	2.782	1.253	9.189
17 Fios e cabos	8544	595	1.506	6.264	289	155	8.810
18 Calçados	6403	47	7.511	187	1	52	7.799
19 Brinquedos	9503	82	7.299	126	43	48	7.599
20 Medicamentos	3004	2.127	6	294	1.667	3.360	7.453
Demais		137.757	148.271	77.759	68.654	50.524	482.965
Total		287.870	243.462	170.198	138.091	84.813	924.434

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da United States International Trade Commission

O petróleo é o produto de maior valor importado da principal origem das compras externas dos Estados Unidos, o Canadá; o mesmo ocorre no México. O Canadá é o principal fornecedor de combustíveis minerais (classificados no capítulo 27 do Sistema Harmonizado) dos Estados Unidos, sendo responsável pela origem de 23% do produto em 2005 (US\$ 65,8 bilhões). Em seguida estiveram Venezuela (US\$ 31,6 bilhões naquele ano), Arábia Saudita (US\$ 26,5 bilhões), México (US\$ 25,8 bilhões) e Nigéria (US\$ 24,1 bilhões).

As compras de automóveis também são importantes entre os principais exportadores aos Estados Unidos, exceto a China. A participação das compras de automóveis originados no Canadá é um pouco maior (US\$ 36,6 bilhões), mas elas são também relevantes para o Japão (US\$ 35,2 bilhões), a Alemanha (US\$ 20,4 bilhões) e o México (US\$ 10,8 bilhões).

Na pauta de importações dos Estados Unidos em relação aos produtos chineses, há grande presença de bens de maior conteúdo tecnológico, mas também muitas manufaturas intensivas em mão-de-obra. São grandes as importações provenientes da

China de material de informática e suas partes (US\$ 40,0 bilhões), aparelhos de telecomunicação (US\$ 12,4 bilhões, 8525) e calçados (US\$ 12,7 bilhões).

Além dos referidos cinco principais países, existe uma faixa intermediária de outros 16 países que exportam valores significativos, situados entre US\$ 15 e 50 bilhões. Tal grupo é bastante heterogêneo, envolvendo, por exemplo, Coreia do Sul, Venezuela, Itália, Malásia, Índia, Israel e Rússia, além do próprio Brasil.

Os principais produtos importados pelos Estados Unidos são combustíveis, materiais de informática, veículos e suas partes. Os três tipos de produtos foram responsáveis por praticamente 1/4 das importações totais daquele país, tanto em 2005 quanto até novembro de 2006.

Tabela 3
Principais produtos importados pelos Estados Unidos: 1996 a novembro de 2006
(em US\$ milhões)

Produto	Código no Sistema Harmonizado (4 dígitos)	1996	1999	2002	2005	2006 (até novembro)	Variação 2005 / 1996	Variação 2006 / 2005 (até nov)
1 Petróleo bruto	2709	50.582	50.662	79.368	182.752	208.986	261,3%	25,5%
2 Automóveis	8703	67.352	96.888	114.424	124.106	122.899	84,3%	9,5%
3 Material para informática	8471	39.345	49.173	50.035	63.465	61.967	61,3%	7,4%
4 Petróleo, exceto bruto	2710	14.153	14.525	20.702	59.674	61.813	321,6%	13,2%
5 Autopeças	8708	20.360	25.320	29.347	41.320	39.967	102,9%	4,6%
6 Gás	2711	6.278	7.316	13.789	37.090	31.443	490,8%	-4,5%
7 Ap. de telecomunicação*	8525	6.334	12.356	22.502	35.247	34.720	456,5%	7,1%
8 Artigos reimportados	9801	18.575	29.460	32.948	33.608	32.014	80,9%	3,7%
9 Partes de mat. Informática	8473	21.313	30.522	24.121	30.370	31.244	42,5%	12,9%
10 Medicamentos	3004	3.357	8.695	17.794	28.597	31.491	751,9%	19,5%
11 Circuitos integrados	8542	33.504	33.460	22.773	21.879	21.008	-34,7%	5,2%
12 Televisores e monitores	8528	3.995	6.192	9.985	21.141	25.117	429,2%	30,0%
13 Ap. de telefonia	8517	7.185	12.114	11.571	20.573	20.057	186,3%	7,6%
14 Caminhões	8704	10.355	14.477	16.554	18.268	17.292	76,4%	4,4%
15 Operações especiais	9999	5.453	11.788	13.045	18.226	18.464	234,2%	11,5%
16 Diamantes	7102	6.625	9.929	12.132	16.307	16.152	146,1%	7,2%
17 Móveis	9403	4.773	8.478	11.566	16.075	15.572	236,8%	6,0%
18 Vestuário feminino	6204	6.676	8.717	10.026	13.164	12.094	97,2%	-1,1%
19 Vestuário de malha	6110	5.679	9.460	11.509	12.971	12.502	128,4%	2,8%
20 Móveis (assentos e estofados)	9401	4.374	7.150	9.108	12.753	12.595	191,6%	7,7%
Demais		455.049	578.085	630.250	863.354	878.773	89,7%	11,2%
Total		791.315	1.024.766	1.163.549	1.670.940	1.706.169	111,2%	11,7%

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da United States International Trade Commission

Outros produtos relevantes, mas que não têm por origem principal os 5 maiores países da pauta de importações, são medicamentos, diamantes e circuitos integrados. As compras de medicamentos foram as que mais cresceram quando comparadas às importações do produto no período 1996-2005. As principais origens deste produto foram: Irlanda (US\$ 5,3 bilhões), França (US\$ 3,6 bilhões), Alemanha (US\$ 3,4 bilhões) e Reino Unido (US\$ 3,4 bilhões). Já os diamantes importados são provenientes, principalmente, de Israel (US\$ 8,1 bilhões), Índia (US\$ 3,1 bilhões) e Bélgica (US\$ 2,8 bilhões). Enquanto circuitos integrados têm como origem Taiwan (US\$ 3,5 bilhões), Coreia (US\$ 3,0 bilhões) e Malásia (US\$ 2,9 bilhões).

Conclusões

A balança comercial dos Estados Unidos é a maior do mundo, ao apresentar uma corrente de comércio de aproximadamente $\frac{1}{4}$ da mundial. Seu déficit em conta corrente é elevado e tem se mostrado crescente nos últimos anos. Existe uma ampla discussão entre os analistas da economia do país sobre a sua trajetória futura e/ou a necessidade de ajuste nas contas externas norte-americanas. Entretanto, a estrutura da pauta de importações daquele país, relevante para a determinação de parte deste déficit, não costuma receber a mesma atenção. As importações norte-americanas refletem fatores de longo prazo pertencentes à atual estrutura produtiva do país.

A pauta de importações dos Estados Unidos é relativamente concentrada em determinadas origens e produtos, mas não há um só mercado que seja preponderante para o resultado final de sua composição. A China é certamente um destaque no comércio mundial e não deixa de ser no caso norte-americano, mas não determina essencialmente seu déficit. China, Canadá, México, Japão e Alemanha explicam pouco mais da metade da pauta de importações dos Estados Unidos, existindo uma grande faixa intermediária de países que exportam quantidades significativas de variados produtos. Esses países estão espalhados por quase todos os continentes e vendem aos Estados Unidos produtos tão diversos entre si quanto commodities primárias e manufaturas de alta intensidade tecnológica.

Referências Bibliográficas

BOWN, C.P., CROWLEY, M.A., McCULLOCH, R. e NAKAJIMA, D.J. (2006) The U.S. trade deficit: Made in China? Economic Perspectives, Federal Reserve Bank of Chicago

DEBELLE, G. e GALATI, G. (2005) Current account adjustment and capital flows. BIS Working Papers, No. 169

DOOLEY, M.P., FOLKERST-S-LANDAU, D. e GARBER, P. M. (2004) The US Current Account Deficit and Economic Development: Collateral for a Total Return Swap. NBER Working Paper, n.10727

EDWARDS, S. (2005) Is the U.S. current account deficit sustainable? And if not, how costly is adjustment likely to be?. NBER Working Paper, n.11541

FEENSTRA, R.C., HAI, W., WOO, W.T. e YAO, S. (1998) The U.S.-China bilateral Trade Balance: Its Size and Determinants. NBER Working Paper, n.6598

OBSTFELD, M. (1994) "Risk-Taking, Global Diversification and Growth" American Economic Review, 84, pp.1310-1329

OBSTFELD, M. e ROGOFF, K. (2000) "The Six Major Puzzles in International Macroeconomics: Is There a Common Cause?" em Ben Bernanke e Kenneth Rogoff (eds.) NBER Macroeconomics Annual 2000, Cambridge, M.A.: MIT Press

OBSTFELD, M. e ROGOFF, K. (2004) "The Unsustainable US Current Account Position Revisited". NBER Working Paper, n.10869

TRUMAN, E.M. (2005) Postponing Global Adjustment: An Analysis of the Pending Adjustment of Global Imbalances. Institute for International Economics Working Paper Series, 05/06

U.S. CENSUS BUREAU (2007) A Profile of U.S. Exporting Companies 2004-2005 United States Department of Commerce, United Census Bureau, Foreign Trade Division

WELLER, C. E. (2006) No Easy Solutions for Chronic U.S. Trade Deficit. Center for American Progress, 12 de maio

PROJEÇÕES E INDICADORES ECONÔMICOS

PROJEÇÕES

Tabela 1 – Projeções

Produto Interno Bruto - variação %																		
	FMI (1)		OCDE (2)		BBVA		Citigroup (4)		Economist (6)		Santander (6)		Banco Mundial (7)		Merrill Lynch (8)		ONU	
	2007 P	2008 P	2007 P	2008 P	2007 P	2008 P	2007 P	2008 P	2007 P	2008 P	2007 P	2008 P	2007 P	2008 P	2007 P	2008 P	2007 P	2008 P
Países Desenvolvidos																		
Japão	2,1	-	2,0	2,0	3,0	-	2,3	2,5	2,0	-	-	-	2,4	2,5	-	-	-	2,0
Estados Unidos	2,9	-	2,4	2,7	2,8	-	2,8	3,4	2,2	-	-	-	2,1	3,0	-	-	-	2,2
Canadá	3,0	-	2,7	3,1	-	-	2,8	2,4	2,5	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Reino Unido	2,7	-	2,6	2,8	2,6	-	2,6	3,0	2,4	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Zona do Euro	2,0	-	2,2	2,3	2,2	-	2,0	2,4	1,9	-	-	-	1,9	1,9	-	-	-	2,4
Alemanha	1,3	-	1,8	2,1	1,8	-	1,7	2,4	1,5	-	-	-	-	-	-	-	-	-
França	2,3	-	2,2	2,3	2,0	-	2,1	2,3	2,0	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Itália	1,3	-	1,4	1,6	1,6	-	1,2	1,5	1,3	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Países em Desenvolvimento																		
África	5,9	-	-	-	-	-	-	6,4	6,5	-	-	-	6,4	6,1	-	-	-	5,9
América Latina e Caribe	4,2	-	-	-	4,0	-	4,4	4,0	-	-	-	4,5	3,9	4,2	4,0	4,3	3,8	4,2
Argentina	6,0	-	-	-	6,8	4,7	7,1	3,3	6,3	-	-	6,9	4,6	5,6	4,0	7,2	4,0	6,1
Bolívia	3,9	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3,1	3,2	-	-	-
Brasil	4,0	-	3,8	4,0	3,0	-	3,5	3,8	3,3	-	-	3,6	3,5	3,4	3,8	3,4	3,6	3,5
Chile	5,5	-	-	-	5,2	5,3	5,4	5,2	5,3	-	-	5,6	5,2	5,3	5,3	4,9	4,4	-
Colômbia	4,0	-	-	-	4,6	-	5,7	4,5	4,5	-	-	4,5	4,0	4,2	4,0	4,4	3,8	-
Equador	3,2	-	-	-	-	-	4,0	3,5	-	-	-	-	-	3,0	3,0	4,1	3,0	-
México	3,5	-	3,6	3,7	3,6	3,8	3,6	3,8	3,2	-	-	4,0	3,8	3,5	3,5	3,2	3,5	3,0
Paraguai	4,0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3,0	3,1	-	-	-
Peru	5,0	-	-	-	5,5	-	6,0	5,7	-	-	-	-	-	5,5	5,0	5,9	4,8	-
Uruguai	4,2	-	-	-	5,0	4,5	5,0	4,5	-	-	-	-	-	4,4	3,8	5,5	3,0	-
Venezuela	3,7	-	-	-	3,6	-	7,8	5,0	5,5	-	-	7,2	4,5	6,0	5,5	7,7	4,5	6,0
República Dominicana	5,0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5,5	5,0	-	-	-
Ásia e Pacífico																		
China	8,6	-	-	-	-	-	7,6	8,2	-	-	-	-	-	-	-	7,9	7,9	-
Coreia do Sul	10,0	-	10,3	10,7	9,5	-	9,8	10,7	9,4	-	-	-	-	9,6	8,7	9,6	9,3	8,9
Indonésia	4,3	-	4,4	4,6	-	-	4,7	5,0	4,2	-	-	-	-	-	-	4,5	5,0	-
Indonésia	6,0	-	-	-	-	-	6,0	6,5	5,8	-	-	-	-	6,2	6,5	6,0	7,0	-
Tailândia	5,0	-	-	-	-	-	4,7	5,0	4,3	-	-	-	-	4,6	5,0	4,4	5,0	-
Índia	7,3	-	7,5	7,0	-	-	8,0	8,0	7,4	-	-	-	-	7,7	7,2	8,0	7,6	7,9
Comunidade dos Estados Independentes																		
Rússia	6,5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Rússia	6,5	-	6,0	5,5	-	-	6,5	6,5	6,5	-	-	-	-	6,0	5,5	6,3	5,8	5,8
Mundo	4,9	-	-	-	-	-	3,4	3,8	-	-	-	-	-	3,2	3,5	-	-	3,2

Fonte: Elaboração própria a partir de relatórios das instituições.

(1) World Economic Outlook (Setembro/2006) e Relatórios de países

(2) Serie estudios estadísticos y prospectivos: América Latina y el Caribe: proyecciones 2006-2007 (Abril/2006)

(3) OECD Economic Outlook No. 80 (Novembro/2006) - Versão Preliminar

(4) Prospects for Financial Markets (Novembro de 2006) e Emerging World (Janeiro de 2007)

(5) Média das previsões coletadas pelo The Economist junto a ABN Amro, Deutsche Bank, Economist Intelligence Unit, Goldman Sachs, HSBC Securities, KBC Bank, JP Morgan Chase, Morgan Stanley, Decision Economics, BNP Paribas, Royal Bank of Canada, Citigroup, Scotiabank e UBS.

(6) Latin America Daily Perspectives (03 de Janeiro de 2007)

(7) Global Economic Prospects 2007

(8) Emerging Markets Economics (Novembro de 2006)

Tabela 2 – Projeções

Índice de preços ao consumidor - variação %														
	FMI ⁽¹⁾		OCDE ⁽²⁾		BBVA		Citigroup ⁽³⁾		Economist ⁽⁵⁾		Santander ⁽⁶⁾		Merrill Lynch ⁽⁷⁾	
	2007 P	2008 P	2007 P	2008 P	2007 P	2008 P	2007 P	2008 P	2007 P	2008 P	2007 P	2008 P	2007 P	2008 P
Países Desenvolvidos														
Japão	2,3	-	-	-	-	-	-	1,7	1,9	-	-	-	-	-
	0,7	-	0,3	0,8	0,5	-	0,3	0,5	0,5	-	-	-	-	-
Estados Unidos	2,9	-	2,3	2,3	2,0	-	1,8	2,2	2,1	-	-	-	-	-
Canadá	2,0	-	1,5	2,0	-	-	2,0	2,0	2,2	-	-	-	-	-
Reino Unido	2,4	-	2,0	1,9	1,9	-	2,2	2,0	2,1	-	-	-	-	-
Zona do Euro	2,4	-	1,9	1,8	2,1	-	1,9	1,9	2,1	-	-	-	-	-
Alemanha	2,6	-	1,9	1,0	2,4	-	2,2	1,4	2,2	-	-	-	-	-
França	1,9	-	1,4	1,6	1,8	-	1,4	1,6	1,5	-	-	-	-	-
Itália	2,1	-	1,9	2,0	1,9	-	1,8	1,9	1,9	-	-	-	-	-
Países em Desenvolvimento														
	5,0	-	-	-	-	-	4,5	4,9	-	-	-	-	-	-
África														
África Latina e Caribe	10,6	-	-	-	5,4	-	5,1	5,4	-	-	5,1	4,9	5,3	5,9
Argentina	11,4	-	-	-	-	12,0	9,7	11,5	9,8	-	12,0	11,0	10,2	10,1
Bolívia	4,0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Brasil	4,1	-	3,8	3,6	4,5	-	3,5	3,8	3,7	-	3,8	3,5	3,6	4,3
Chile	3,1	-	-	-	2,5	2,9	2,8	3,1	2,3	-	3,0	3,0	3,0	4,0
Colômbia	4,2	-	-	-	3,9	-	4,4	3,8	4,2	-	4,1	4,0	4,5	4,4
Equador	3,0	-	-	-	-	-	3,8	3,5	-	-	2,9	2,4	-	-
México	3,3	-	3,6	3,2	3,5	3,5	4,0	3,1	3,8	-	3,7	3,5	3,8	3,6
Paraguai	4,9	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Peru	2,5	-	-	-	2,2	-	1,7	3,0	-	-	-	-	2,3	2,4
Uruguai	4,3	-	-	-	-	-	5,9	5,3	-	-	6,0	5,4	-	-
Venezuela	15,4	-	-	-	17,3	-	18,3	23,0	17,0	-	11,5	10,4	18,0	22,5
República Dominicana	5,0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Ásia e Pacífico														
China	3,6	-	-	-	-	-	3,3	3,9	-	-	-	-	3,4	3,4
Coreia do Sul	2,2	-	1,8	2,0	2,0	-	3,0	4,5	2,1	-	2,5	2,2	-	-
Indonésia	2,7	-	2,9	3,0	-	-	2,4	2,6	2,3	-	-	-	2,6	3,0
Taiilândia	5,9	-	-	-	-	-	6,4	6,5	6,6	-	-	-	7,0	7,5
Índia	2,6	-	-	-	-	-	2,7	2,6	3,6	-	2,9	2,6	-	-
Comunidade dos Estados Independentes	5,3	-	5,5	5,2	-	-	4,4	4,0	6,1	-	-	-	5,9	6,1
Rússia	9,2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Mundo	8,5	-	8,5	7,2	-	-	8,1	8,9	9,2	-	-	-	9,8	9,3
	3,5	-	-	-	-	-	2,4	2,6	-	-	-	-	-	-

Fonte: Elaboração própria a partir de relatórios das instituições.

(1) World Economic Outlook (Setembro/2006) e Relatórios de países

(2) Serie estudios estadísticos y prospectivos: América Latina y el Caribe: proyecciones 2006-2007 (Abril/2006)

(3) OECD Economic Outlook No. 80 (Novembro/2006) - Versão Preliminar

(4) Prospects for Financial Markets (Novembro de 2006) e Emerging World (Janeiro de 2007)

(5) Média das previsões coletadas pelo The Economist junto a ABN Amro, Deutsche Bank, Economist Intelligence Unit, Goldman Sachs, HSBC Securities, KBC Bank, JP Morgan Chase, Morgan Stanley, Decision Economics, BNP Paribas, Royal Bank of Canada, Citigroup, Scotiabank e UBS.

(6) Latin America Daily Perspectives (03 de Janeiro de 2007)

(7) Emerging Markets Economics (Novembro de 2006)

Tabela 3 - Projeções

Saldo das Contas Públicas - % do PIB														
	FMI ⁽¹⁾		OCDE ⁽²⁾		BBVA		Citigroup ⁽³⁾		Santander ⁽⁴⁾		Merrill Lynch ⁽⁵⁾		Economist ⁽⁶⁾	
	2007 P	2008 P	2007 P	2008 P	2007 P	2008 P	2007 P	2008 P	2007 P	2008 P	2007 P	2008 P	2007 P	2008 P
Países Desenvolvidos	-2,3	-	-	-	-	-	-1,7	-1,5	-	-	-	-	-	-
Japão	-4,9	-	-4,0	-3,7	-	-	-3,9	-3,2	-	-	-	-	-4,8	-
Estados Unidos	-3,2	-	-2,8	-3,0	-2,2	-	-1,9	-1,9	-	-	-	-	-2,3	-
Canadá	1,0	-	0,8	0,8	-	-	0,1	0,3	-	-	-	-	0,7	-
Reino Unido	-2,8	-	-2,7	-2,6	-	-	-2,8	-2,4	-	-	-	-	-2,7	-
Zona do Euro	-1,9	-	-1,5	-1,4	-2,2	-	-1,6	-1,5	-	-	-	-	-1,7	-
Alemanha	-2,4	-	-1,4	-1,3	-	-	-1,7	-1,6	-	-	-	-	-1,7	-
França	-2,6	-	-2,5	-2,3	-	-	-2,7	-2,4	-	-	-	-	-2,5	-
Itália	-4,1	-	-3,2	-3,3	-	-	-2,7	-3,1	-	-	-	-	-3,5	-
Países em Desenvolvimento	-	-	-	-	-	-	-1,4	-1,3	-	-	-	-	-	-
África	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
América Latina e Caribe	-	-	-	-	-0,9	-	-1,1	-1,0	-0,5	-0,5	-	-	-	-
Argentina	-	-	-	-	1,8	2,1	1,3	0,9	1,7	1,7	1,7	1,6	1,4	-
Bolívia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Brasil	-	-	-1,5	-1,0	-2,5	-	-3,2	-2,0	-2,5	-1,5	-1,0	-0,4	-2,2	-
Chile	-	-	-	-	5,0	4,0	5,5	2,5	5,8	2,5	6,0	3	5,8	-
Colômbia	-	-	-	-	-1,7	-	-1,3	-2,2	-	-	-1,7	-1,8	-1,5	-
Equador	-	-	-	-	-	-	2,8	0,0	-	-	0,2	-0,3	-	-
México	-	-	-	-	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	-0,3	-
Paraguai	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Peru	-	-	-	-	-1,0	-	0,9	-0,1	-	-	-0,8	-0,6	-	-
Uruguai	-	-	-	-	-	-	-0,6	-0,5	-	-	-	-	-	-
Venezuela	-	-	-	-	-3,1	-	-2,4	-2,5	0,2	-2,0	-1,1	-2,4	-2,5	-
República Dominicana	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Ásia e Pacífico	-	-	-	-	-	-	-1,7	-1,7	-	-	-	-	-	-
China	-	-	1,0	0,9	-	-	-1,8	-2,0	-	-	-1,2	-	-1,9	-
Coreia do Sul	2,5	-	2,1	2,0	-	-	2,0	2,0	-	-	-	-	0,4	-
Indonésia	-	-	-	-	-	-	-0,9	-0,5	-	-	-1,1	-	-0,9	-
Tailândia	-	-	-	-	-	-	-2,0	-1,3	-	-	-1,0	-	-1,2	-
Índia	-	-	-6,3	-6,0	-	-	-6,7	-6,4	-	-	-3,9	-3,6	-4,3	-
Comunidade dos Estados Independentes	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Rússia	-	-	4,6	3,3	-	-	3,1	3,2	-	-	4,8	3,2	5,9	-
Mundo	-	-	-	-	-	-	-1,5	-1,4	-	-	-	-	-	-

Fonte: Elaboração própria a partir de relatórios das instituições.

(1) World Economic Outlook (Setembro/2006) e Relatórios de países

(2) OECD Economic Outlook No. 80 (Novembro/2006) - Versão Preliminar

(3) Prospects for Financial Markets (Novembro de 2006) e Emerging World (Janeiro de 2007)

(4) Latin America Daily Perspectives (03 de Janeiro de 2007)

(5) Emerging Markets Economics (Novembro de 2006)

(6) Média das previsões coletadas pelo The Economist junto a ABN Amro, Deutsche Bank, Economist Intelligence Unit, Goldman Sachs, HSBC Securities, KBC Bank, JP Morgan Chase, Morgan Stanley, Decision Economics, BNP Paribas, Royal Bank of Canada, Citigroup, Scotiabank e UBS.

Tabela 4 – Projeções

Saldo da Balança Comercial - US\$ Bilhões						
	BBVA		Santander (1)		Merrill Lynch (2)	
	2007 P	2008 P	2007 P	2008 P	2007 P	2008 P
Países Desenvolvidos	-	-	-	-	-	-
Japão	-	-	-	-	-	-
Estados Unidos	-772,0	-	-	-	-	-
Canadá	-	-	-	-	-	-
Reino Unido	-	-	-	-	-	-
Zona do Euro	-	-	-	-	-	-
Alemanha	-	-	-	-	-	-
França	-	-	-	-	-	-
Itália	-	-	-	-	-	-
Países em Desenvolvimento	-	-	-	-	-	-
Africa	-	-	-	-	-	-
América Latina e Caribe	-	-	92,6	73,6	-	-
Argentina	10,8	9,9	10,3	9,0	10,0	8,0
Bolívia	-	-	-	-	-	-
Brasil	35,0	-	39,5	33,2	36,1	30,4
Chile	23,2	22,7	19,5	16,5	21,5	14,0
Colômbia	-0,8	-	-	-	-0,6	-1,6
Equador	-	-	-	-	0,2	-0,8
México	-15,8	-20,6	-11,2	-11,6	-10,1	-14,3
Paraguai	-	-	-	-	-	-
Peru	6,5	-	-	-	8,3	8,2
Uruguai	-	-	-	-	-	-
Venezuela	28,2	-	34,5	26,5	22,3	16,6
Republica Dominicana	-	-	-	-	-	-
Ásia e Pacífico	-	-	-	-	-	-
China	-	-	-	-	206,0	-
Coréia do Sul	-	-	-	-	-	-
Indonésia	-	-	-	-	31,8	-
Tailândia	-	-	-	-	-5,8	-
Índia	-	-	-	-	-67,7	-80,7
Comunidade dos Estados Independentes	-	-	-	-	-	-
Rússia	-	-	-	-	-	-
Total	-	-	-	-	-	-

Fonte: Elaboração própria a partir de relatórios das instituições.

(1) Latin America Daily Perspectives (03 de Janeiro de 2007)

(2) Emerging Markets Economics (Novembro de 2006)

Tabela 5 – Projeções

Saldo em Conta Corrente - % PIB																
	FMI (1)		OCDE (2)		BBVA		Citigroup (3)		Santander (4)		Banco Mundial (5)		Merrill Lynch (6)		Economist (7)	
	2007 P	2008 P	2007 P	2008 P	2007 P	2008 P	2007 P	2008 P	2007 P	2008 P	2007 P	2008 P	2007 P	2008 P	2007 P	2008 P
Países Desenvolvidos	-1,7	-	-	-	-	-	-	-	-2,0	-2,1	-	-	-	-	-	-
Japão	3,5	-	4,5	5,3	-	-	3,4	3,5	-	-	-	-	-	-	-	3,7
Estados Unidos	-6,9	-	-6,5	-6,6	-6,0	-	-6,2	-6,4	-	-	-	-	-	-	-	-6,4
Canadá	1,9	-	0,1	0,0	-	-	0,0	0,1	-	-	-	-	-	-	-	0,6
Reino Unido	-2,3	-	-2,0	-2,1	-	-	-3,5	-4,1	-	-	-	-	-	-	-	-2,7
Zona do Euro	-0,2	-	-0,1	-0,1	-0,4	-	-0,2	-0,2	-	-	-	-	-	-	-	-0,1
Alemanha	4,0	-	4,8	5,2	-	-	4,0	4,5	-	-	-	-	-	-	-	3,2
França	-1,7	-	-1,8	-1,8	-	-	-2,4	-2,8	-	-	-	-	-	-	-	-1,3
Itália	-1,0	-	-2,2	-2,6	-	-	-1,6	-1,4	-	-	-	-	-	-	-	-1,9
Países em Desenvolvimento	-	-	-	-	-	-	2,1	1,5	-	-	-	-	-	-	-	-
África	4,2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
América Latina e Caribe	1,0	-	-	-	0,9	-	0,5	-0,4	1,1	0,4	1,4	1,0	0,6	-0,3	-	-
Argentina	0,6	-	-	-	2,0	-	2,8	2,3	1,6	1,4	1,4	0,9	1,2	0,3	1,6	-
Bolívia	4,8	-	-	-	-	2,4	-	-	-	-	-	4,0	3,9	-	-	-
Brasil	0,4	-	0,9	0,4	0,9	-	0,9	0,0	0,3	0,2	1,1	0,8	0,7	0,1	0,3	-
Chile	0,9	-	-	-	2,4	2,7	2,8	0,6	2,6	1,3	2,7	2,0	0,6	-1,8	2,2	-
Colômbia	-1,7	-	-	-	-1,5	-	-2,0	-2,6	-	-	-3,0	-3,7	-2,3	-2,6	-2,1	-
Ecuador	3,7	-	-	-	-	-	-1,8	-0,8	-	-	-1,1	-2,7	0,3	-1,5	-	-
México	-0,8	-	-1,0	-1,4	-1,3	-1,7	-1,8	-2,2	-0,8	-0,9	-0,2	0,4	-0,7	-1,1	-1,1	-
Paraguai	-2,0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-0,4	-0,3	-	-	-	-
Peru	0,2	-	-	-	0,4	-	0,6	-0,2	-	-	0,5	-0,4	0,9	0,4	-	-
Uruguai	-3,2	-	-	-	-	-	-1,2	-1,0	-	-	-2,2	-2,5	-3,6	-5,0	-	-
Venezuela	17,6	-	-	-	11,8	-	7,2	3,8	13,3	7,8	12,6	7,6	7,1	4,0	10,1	-
República Dominicana	-2,9	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-4,1	-3,6	-	-	-	-
Ásia e Pacífico	3,9	-	-	-	-	-	4,4	3,8	-	-	-	-	5,0	-	-	-
China	7,2	-	8,5	8,8	-	-	6,5	5,3	-	-	7,5	7,0	9,5	-	6,7	-
Coreia do Sul	0,3	-	0,0	-0,4	-	-	0,9	0,9	-	-	-	-	-	-	0,0	-
Indonésia	0,6	-	-	-	-	-	0,9	0,2	-	-	0,2	-0,5	1,8	1,1	1,4	-
Taiilândia	-1,3	-	-	-	-	-	2,3	1,9	-	-	2,2	2,5	-0,3	-1,4	0,0	-
Índia	-2,7	-	-1,7	-1,8	-	-	-1,5	-0,8	-	-	-	-	-2,0	-1,9	-2,2	-
Comunidade dos Estados Independentes	9,4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Rússia	10,7	-	7,1	4,5	-	-	4,1	3,5	-	-	5,2	2,9	9,8	9,3	7,3	-
Mundo	-	-	-	-	-	-	-0,8	-1,1	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: Elaboração própria a partir de relatórios das instituições.

(1) World Economic Outlook 2004 (Setembro/2006) e Relatórios de países

(2) OECD Economic Outlook No. 80 (Novembro/2006) - Versão Preliminar

(3) Prospects for Financial Markets (Novembro de 2006) e Emerging World (Janeiro de 2006)

(4) Latin America Daily Perspectives (03 de Janeiro de 2007)

(5) Global Economic Prospects 2007

(6) Emerging Markets Economics (Novembro de 2006)

(7) Média das previsões coletadas pelo The Economist junto a ABN Amro, Deutsche Bank, Economist Intelligence Unit, Goldman Sachs, HSBC Securities, KBC Bank, JP Morgan Chase, Morgan Stanley, Decision Economics, BNP Paribas, Royal Bank of Canada, Citigroup, Scotiabank e UBS.

Tabela 6 – Projeções

Reservas - US\$ Bilhões								
	FMI ⁽¹⁾		BBVA		Santander ⁽²⁾		Merrill Lynch ⁽³⁾	
	2007 P	2008 P	2007 P	2008 P	2007 P	2008 P	2007 P	2008 P
Países em Desenvolvimento	3.694,6	-	-	-	-	-	-	-
Africa	306,2	-	-	-	-	-	-	-
América Latina e Caribe	343,5	-	-	-	250,5	264,1	-	-
Argentina	-	-	40,2	-	36,1	38,0	38,7	40,4
Bolívia	-	-	-	-	-	-	-	-
Brasil	90,2	-	58,0	-	92,8	108,7	89,8	89,3
Chile	-	-	17,6	-	16,7	16,6	19,6	19,3
Colômbia	-	-	16,3	-	-	-	-	-
Equador	-	-	-	-	-	-	3,1	2,8
México	82,1	-	75,0	-	71,6	74,5	75,7	79,9
Paraguai	-	-	-	-	-	-	-	-
Peru	-	-	16,0	-	-	-	-	-
Uruguai	-	-	-	-	-	-	-	-
Venezuela	-	-	29,2	-	33,3	26,3	33,6	30,6
República Dominicana	-	-	-	-	-	-	-	-
Ásia e Pacífico	1.733,6	-	-	-	-	-	-	-
China	1.302,6	-	-	-	-	-	1251,0	-
Coreia do Sul	-	-	-	-	-	-	-	-
Indonésia	-	-	-	-	-	-	-	-
Tailândia	-	-	-	-	-	-	-	-
Índia	163,5	-	-	-	-	-	159,4	175,2
Comunidade dos Estados Independentes	479,9	-	-	-	-	-	-	-
Rússia	420,9	-	-	-	-	-	-	-
Total	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: Elaboração própria a partir de relatórios das instituições.

(1) World Economic Outlook 2006 (Setembro/2006) e Relatórios de países

(2) Latin America Daily Perspectives (03 de Janeiro de 2007)

(3) Emerging Markets Economics (Novembro de 2006)

INDICADORES MACROECONÔMICOS E PROJEÇÕES PARA O BRASIL

Tabela 7 - Projeções e Indicadores macroeconômicos

Principais Indicadores Macroeconômicos do Brasil e Projeções												
	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	Banco Central ⁽²⁾		Sinopse Internacional ⁽¹⁾	
									2007 P	2008 P	2007 P	2008 P
PIB (Variação %) ⁽³⁾	0,8	4,4	1,3	1,9	0,5	4,9	2,3	2,7	3,5	3,6	3,5	3,7
Índice de Preços ao Consumidor (%)	8,9	6,0	7,7	12,5	9,3	7,6	5,7	3,1	4,1	4,1	3,9	3,8
Taxa de Juros Nominal (Selic fim de período)	25,6	17,4	17,3	19,2	23,4	16,3	18,0	13,3	11,5	10,9	-	-
Déficit Público (% do PIB)	5,8	3,6	3,6	4,6	5,1	2,7	3,3	3,4	-	-	-2,2	-1,2
Dívida Líquida do Setor Público (% do PIB)	49,7	48,8	52,6	55,5	57,2	51,7	51,5	50,0	48,9	46,9	-	-
Exportação (US\$ Bilhões)	48,0	55,1	58,2	60,4	73,1	96,5	118,3	137,5	145,8	154,5	-	-
Importação (US\$ Bilhões)	49,2	55,8	55,6	47,2	48,3	62,8	73,6	91,2	106,7	120,4	-	-
Saldo da Balança Comercial (US\$ Bilhões)	-1,2	-0,7	2,7	13,1	24,8	33,7	44,7	46,2	39,0	34,1	36,9	31,8
Saldo em Conta Corrente (% do PIB)	-4,7	-4,0	-4,6	-1,7	0,8	1,9	1,8	1,4	-	-	0,7	0,3
Investimento Externo Direto (US\$ Bilhões)	26,9	30,5	24,7	14,1	9,9	8,7	15,1	18,8	17,0	17,8	-	-

Fonte: Banco Central do Brasil

(1) As projeções para 2007 e 2008 são médias das tabelas de previsões das instituições.

(2) Média das expectativas do mercado coletadas pelo Banco Central em 25/09/2006.

(3) Para 2006, projeção do Banco Central

INDICADORES MACROECONÔMICOS DE PAÍSES SELECIONADOS

Tabela 8 - Indicadores macroeconômicos

	Produto Interno Bruto - US\$ Bilhões						
	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Países Desenvolvidos							
Japão	4.363,11	4.650,95	4.090,19	3.911,58	4.237,07	4.587,15	4.567,44
Estados Unidos	9.268,43	9.816,98	10.127,95	10.469,60	10.960,75	11.712,48	12.455,83
Canadá	661,35	725,16	715,63	734,77	868,49	993,91	1.132,44
Reino Unido	1.467,03	1.445,19	1.435,63	1.574,47	1.814,64	2.155,16	2.229,47
Zona do Euro							
Alemanha	2.146,43	1.905,80	1.892,60	2.024,06	2.444,28	2.744,22	2.791,74
França	1.456,78	1.333,00	1.341,43	1.463,90	1.805,03	2.059,72	2.126,72
Itália	1.202,40	1.100,56	1.118,32	1.223,24	1.510,06	1.726,79	1.765,54
Países em Desenvolvimento							
América Latina e Caribe							
Argentina	283,52	284,20	268,70	97,73	127,64	151,96	181,55
Bolívia	8,30	8,41	8,15	7,92	8,10	8,75	9,36
Brasil	536,69	601,55	510,38	460,61	505,54	603,78	795,67
Chile	73,00	75,21	68,57	67,27	73,70	95,00	115,31
Colômbia	86,19	83,79	81,99	81,12	79,46	96,79	122,27
Equador	16,67	15,93	21,25	24,90	28,64	32,64	36,49
México	480,59	580,79	621,86	648,63	638,75	683,49	768,44
Paraguai	7,30	7,10	6,45	5,09	5,55	6,95	7,47
Peru	51,55	53,32	53,93	57,04	61,49	69,66	79,39
Uruguai	20,91	20,09	18,56	12,09	11,21	13,27	16,88
Venezuela	97,98	117,15	122,87	92,89	83,44	110,10	132,85
República Dominicana	17,58	19,89	21,94	21,63	16,46	18,44	29,09
Ásia e Pacífico							
China	1.083,28	1.198,48	1.324,81	1.453,84	1.640,97	1.931,64	2.234,13
Índia	442,38	462,64	474,10	493,54	575,27	665,58	771,95
Comunidade dos Estados Independentes							
Rússia	195,91	259,70	306,58	345,49	431,43	589,03	763,29

Fonte: FMI

Nota: Produto Interno Bruto ao câmbio vigente.

Tabela 9 - Indicadores macroeconômicos

Crescimento do Produto Interno Bruto (%)										
	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006E	2007P	2008P
Países Desenvolvidos	3,5	3,9	1,2	1,5	1,9	3,2	2,6	3,1	2,5	2,9
Japão	-0,2	2,9	0,4	0,1	1,8	2,3	2,6	2,7	2,3	2,3
Estados Unidos	4,4	3,7	0,8	1,6	2,5	3,9	3,2	3,4	2,5	3,0
Canadá	5,5	5,2	1,8	2,9	1,8	3,3	2,9	3,1	2,8	2,8
Reino Unido	3,0	3,8	2,4	2,1	2,7	3,3	1,9	2,7	2,6	2,9
Zona do Euro	3,0	3,9	1,9	0,9	0,8	2,1	1,3	2,4	2,1	2,2
Alemanha	1,9	3,1	1,2	0,0	-0,2	1,2	0,9	2,5	1,6	2,3
França	3,0	4,0	1,8	1,1	1,1	2,0	1,2	2,4	2,1	2,3
Itália	1,7	3,0	1,8	0,3	0,1	0,9	0,1	1,5	1,4	1,6
Países em Desenvolvimento	4,1	6,1	4,4	5,1	6,7	7,7	7,4	7,3	6,5	6,3
Africa	2,7	3,1	4,2	3,6	4,6	5,5	5,4	5,4	5,8	-
América Latina e Caribe	0,5	3,9	0,5	0,1	2,2	5,7	4,3	5,3	4,2	3,9
Argentina	-3,4	-0,8	-4,4	-10,9	8,8	9,0	9,2	8,5	6,4	4,1
Bolívia	0,4	2,5	1,7	2,5	2,9	3,9	4,1	4,5	3,3	3,2
Brasil	0,8	4,4	1,3	1,9	0,5	4,9	2,3	2,8	3,5	3,7
Chile	-0,8	4,5	3,4	2,2	3,9	6,2	6,3	4,4	5,3	5,1
Colômbia	-4,2	2,9	1,5	1,9	3,9	4,8	5,1	6,0	4,6	4,1
Equador	-6,3	2,8	5,3	4,2	3,6	7,9	4,7	4,9	3,4	3,2
México	3,8	6,6	0,0	0,8	1,4	4,2	3,0	4,8	3,5	3,7
Paraguai	-1,5	-3,3	2,1	0,0	3,8	4,1	2,9	4,0	3,3	3,1
Peru	0,9	3,0	0,2	5,2	3,9	5,2	6,4	7,2	5,5	5,2
Uruguai	-2,8	-1,4	-3,4	-11,0	2,2	11,8	6,6	7,3	4,5	3,8
Venezuela	-6,0	3,7	3,4	-8,9	-7,7	17,9	9,3	10,0	5,8	4,9
República Dominicana	8,1	7,8	4,0	4,5	-1,9	2,0	9,3	10,0	5,2	5,0
Ásia e Pacífico	6,2	7,0	6,1	7,0	8,4	8,8	9,0	8,7	8,0	8,1
China	7,1	8,4	8,3	9,1	10,0	10,1	10,2	10,0	9,6	9,9
Coreia do Sul	9,5	8,5	3,8	7,0	3,1	4,7	4,0	5,0	4,4	4,9
Indonésia	0,8	5,4	3,6	4,5	4,8	5,1	5,6	5,2	6,0	6,7
Tailândia	4,4	4,8	2,2	5,3	7,0	6,2	4,5	4,5	4,6	5,0
Índia	6,9	5,3	4,1	4,3	7,2	8,0	8,5	8,3	7,7	7,5
Comunidade dos Estados Independentes	5,2	9,0	6,3	5,3	7,9	8,4	6,5	6,8	6,5	-
Rússia	6,4	10,0	5,1	4,7	7,3	7,2	6,4	6,5	6,2	5,8

Fonte: FMI e Cepal

Nota: As projeções para 2006 e 2007 são médias das tabelas de previsões das instituições.

Tabela 10 - Indicadores macroeconômicos

Variação Acumulada no ano dos índices de preço ao consumidor										
Inflação - %										
	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006E	2007P	2008P
Países Desenvolvidos	1,4	2,2	2,1	1,5	1,8	2,0	2,3	2,6	2,0	1,9
Japão	-0,3	-0,4	-0,8	-0,9	-0,3	0,0	-0,6	0,3	0,5	0,7
Estados Unidos	2,2	3,4	2,8	1,6	2,3	2,7	3,4	3,6	2,2	2,3
Canadá	1,7	2,7	2,5	2,3	2,7	1,8	2,2	2,2	1,9	2,1
Reino Unido	1,3	0,9	1,2	1,3	1,4	1,3	2	2,3	2,1	2,0
Zona do Euro	1,1	2,1	2,3	2,2	2,1	2,1	2,2	2,3	2,1	1,9
Alemanha	0,6	1,5	2,0	1,4	1,0	1,7	2	2,0	2,3	1,2
França	0,5	1,8	1,8	1,9	2,2	2,3	1,9	2,0	1,6	1,6
Itália	1,7	2,6	2,3	2,6	2,8	2,3	2,3	2,4	1,9	2,0
Países em Desenvolvimento	10,1	7,1	6,6	5,8	5,8	5,7	5,4	5,2	4,8	4,9
Africa	11,9	13,6	12,8	9,9	10,7	8,0	8,5	9,9	10,6	-
América Latina e Caribe	9,7	9,0	6,1	12,2	8,5	7,4	6,1	4,8	5,2	5,4
Argentina	-1,8	-0,7	-1,5	41	3,7	6,1	12,3	10,0	10,5	11,2
Bolívia	3,1	3,4	0,9	2,4	3,9	4,6	4,9	4,7	4,0	-
Brasil	8,9	6,0	7,7	12,5	9,3	7,6	5,7	3,1	3,9	3,8
Chile	2,3	4,5	2,6	2,8	1,1	2,4	3,7	2,1	2,8	3,0
Colômbia	9,2	8,8	7,6	7,0	6,5	5,5	4,9	4,3	4,2	4,1
Equador	60,7	91,0	22,4	9,3	6,1	1,9	3,1	3,2	3,2	3,0
México	12,3	9,0	4,4	5,7	4,0	5,2	3,3	4,1	3,7	3,4
Paraguai	5,4	8,6	8,4	14,6	9,3	2,8	9,9	8,9	4,9	-
Peru	3,7	3,7	-0,1	1,5	2,5	3,5	1,5	1,5	2,2	2,7
Uruguai	4,2	5,1	3,6	25,9	10,2	7,6	4,9	6,2	5,4	5,4
Venezuela	20,0	13,4	12,3	31,2	27,1	19,2	14,4	15,8	16,3	18,6
Republica Dominicana	5,1	9,0	4,4	10,5	42,7	28,7	7,4	3,7	5,0	-
Ásia e Pacífico	2,5	1,7	2,7	2,0	2,5	4,1	3,5	3,8	3,4	3,7
China	-1,4	0,4	0,7	-0,8	1,2	3,9	1,8	1,5	2,3	2,9
Índia	4,7	3,9	3,7	4,5	3,7	3,9	4,0	5,6	5,4	5,1
Comunidade dos Estados Independentes	69,6	24,6	20,3	13,8	12	10,3	12,3	9,6	9,2	-
Rússia	85,7	20,8	21,5	15,8	13,7	10,9	12,6	9,7	8,8	8,5

Fonte: FMI, Banco Central do Brasil e Cepal

Nota: As projeções para 2006 e 2007 são médias das tabelas de previsões das instituições.

Tabela 11 - Indicadores macroeconômicos

Saldo das Contas Públicas - % do PIB										
	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006E	2007P	2008P
Países Desenvolvidos	-1,0	0,0	-1,5	-3,3	-3,9	-3,3	-2,7	-2,6	-2,0	-1,5
Japão	-7,5	-7,7	-6,4	-8,2	-8,1	-6,3	-5,6	-5,1	-4,4	-3,5
Estados Unidos	0,9	1,6	-0,4	-3,8	-4,8	-4,6	-3,7	-3,1	-2,5	-2,5
Canadá	1,6	2,9	0,7	-0,1	0,0	0,7	1,7	1,1	0,7	0,6
Reino Unido	1,2	1,7	1,0	-1,6	-3,3	-3,2	-3,3	-3,1	-2,8	-2,5
Zona do Euro	-1,3	-1,0	-1,9	-2,6	-3,0	-2,7	-2,2	-1,7	-1,8	-1,5
Alemanha	-1,5	1,3	-2,8	-3,7	-4,0	-3,7	-3,3	-2,6	-1,8	-1,5
França	-1,7	-1,5	-1,6	-3,2	-4,2	-3,7	-2,9	-1,8	-2,6	-2,4
Itália	-1,7	-0,7	-3,1	-2,9	-3,4	-3,4	-4,1	-3,3	-3,4	-3,2
Países em Desenvolvimento										
Africa ⁽¹⁾	-3,4	-1,2	-2,1	-2,3	-1,4	-0,2	1,5	4,2	-	-
América Latina e Caribe ⁽¹⁾	-3,1	-2,7	-3,3	-3,2	-2,9	-1,9	-1,2	-0,3	-0,8	-0,8
Argentina	-3,1	-2,1	-4,0	-0,6	0,2	2,0	0,4	1,0	1,6	1,6
Bolívia	-3,5	-3,7	-6,8	-8,8	-7,9	-5,5	-2,3	5,2	-	-
Brasil ⁽¹⁾	-6,8	-3,1	-3,7	-6,4	-2,5	-1,3	-3,5	-4,0	-2,2	-1,2
Chile ⁽¹⁾	-2,1	-0,6	-0,5	-1,2	-0,4	2,1	4,7	7,6	5,6	3,0
Colômbia ⁽¹⁾	-6,1	-5,4	-5,3	-4,9	-4,7	-4,3	-4,8	-5,3	-1,6	-2,0
Equador ⁽¹⁾	-2,9	0,1	-1,0	-0,7	-0,4	-1,0	-0,5	0,6	1,5	-0,2
México	-1,1	-1,1	-0,7	-1,2	-0,6	-0,3	-0,1	-0,3	-0,1	0,0
Paraguai ⁽¹⁾	-3,8	-4,6	-1,2	-3,2	-0,4	1,6	0,8	0,8	-	-
Peru ⁽¹⁾	-3,1	-2,8	-2,8	-2,1	-1,7	-1,3	-0,7	0,3	-0,3	-0,4
Uruguai ⁽¹⁾	-3,9	-3,5	-4,5	-4,9	-4,6	-2,5	-1,6	-1,8	-0,6	-0,5
Venezuela ⁽¹⁾	-1,7	-1,7	-4,4	-4,0	-4,4	-1,9	1,7	1,0	-1,8	-2,3
República Dominicana ⁽¹⁾	-1,8	-2,1	-2,4	-2,7	-5,2	-4,0	-0,7	-1,0	-	-
Ásia e Pacífico										
China ⁽¹⁾	-3,7	-3,3	-2,7	-3,0	-2,4	-1,5	-1,3	-1,2	-1,0	-0,6
Índia ⁽¹⁾	-6,5	-7,1	-6,6	-6,1	-5,3	-4,4	-4,2	-4,0	-5,3	-5,3
Comunidade dos Estados Independentes										
Rússia ⁽¹⁾	-4,2	0,8	2,7	1,3	1,7	4,3	7,5	8,5	4,6	3,2

Fonte: FMI, Cepal, Banco Mundial, Asian Development Bank e African Development Bank

(1) Governo Central, para os demais governo geral.

Nota: As projeções para 2006 e 2007 são médias das tabelas de previsões das instituições.

Tabela 12 - Indicadores macroeconômicos

Dívida Líquida do Setor Público - % do PIB								
	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Países Desenvolvidos								
Japão	-	60,4	66,1	72,8	77,3	82,2	86,8	89,7
Estados Unidos	-	39,5	38,3	41,0	43,8	45,4	46,1	46,3
Canadá	-	65,3	60,2	58,0	51,5	46,7	41,9	38,7
Reino Unido	-	34,2	32,7	32,7	34,5	36,1	38,1	37,8
Zona do Euro	-	57,7	57,5	57,5	59,0	60,1	61,0	60,1
Alemanha	-	51,5	52,1	54,3	57,8	60,1	62,5	63,5
França	-	47,0	48,2	48,5	52,6	54,8	57,0	54,8
Itália	-	103,4	103,0	100,4	100,5	102,7	105,4	106,4
Países em Desenvolvimento								
América Latina e Caribe								
Argentina ⁽¹⁾	43,5	45,6	53,6	162,5	138,2	126,5	72,8	-
Bolívia ⁽¹⁾	71,4	72,3	79,8	84,1	93,3	88,7	81,5	-
Brasil	48,7	48,8	52,6	55,5	57,2	51,7	51,5	-
Chile	10,4	11,4	11,3	11,4	13,4	11,1	8,0	-
Colômbia ⁽¹⁾	50,0	57,8	62,9	71,5	67,7	62,6	60,2	-
Equador ⁽¹⁾	102,3	88,9	66,7	56,9	50,6	44,1	40,1	-
México	21,0	20,1	20,5	21,7	22,4	20,7	18,0	-
Paraguai ⁽¹⁾	34,2	35,9	44,7	63,9	47,4	42,1	35,0	-
Peru ⁽¹⁾⁽²⁾	49,1	46,1	45,2	46,8	47,3	43,3	39,8	-
Uruguai	27,4	31,0	39,4	84,0	76,5	63,3	52,1	-
Venezuela ⁽¹⁾	28,9	26,7	30,0	42,0	45,9	38,8	33,7	-
República Dominicana ⁽¹⁾	21,1	18,9	19,6	23,9	44,2	25,5	26,6	-

Fonte: FMI, CEPAL e Banco Central do Brasil

(1) Para esses países o indicador refere-se à dívida bruta do setor público

(2) Governo Central

Tabela 13 - Indicadores macroeconômicos

Dívida Externa - US\$ Bilhões								
	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006E
América Latina e Caribe	762,7	738,6	744,6	733,1	757,8	761,3	656,1	632,8
Argentina	152,6	155,0	166,3	156,7	164,6	171,1	113,5	106,8
Bolívia	4,6	4,5	4,5	4,4	5,1	5,0	4,9	4,7
Brasil	225,6	216,9	209,9	210,7	214,9	201,4	169,4	156,7
Chile	34,8	37,2	38,5	40,5	43,1	43,5	45,0	47,6
Colômbia	36,7	36,1	39,1	37,3	38,0	39,4	38,3	37,2
Equador	16,3	13,6	14,4	16,3	16,8	17,2	17,2	16,9
México	166,4	148,7	144,5	135,0	132,3	130,9	127,1	130,9
Paraguai	2,7	2,9	2,7	2,9	3,0	2,9	2,8	-
Peru	28,6	28,0	27,2	27,9	29,6	31,1	28,6	27,9
Uruguai	8,3	8,9	8,9	10,5	11,0	11,6	11,4	11,5
Venezuela	37,0	36,4	35,4	35,5	39,7	44,5	47,2	43,1
Republica Dominicana	3,7	3,7	4,2	4,5	6,0	6,4	6,8	7,0

Fonte: Balance Preliminar de las economías da América Latina y el Caribe 2006 (Dezembro)

Tabela 14 - Indicadores macroeconômicos

Exportação - US\$ Bilhões								
	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Países Desenvolvidos								
Japão	417,6	479,2	403,5	416,7	471,8	565,7	595,8	-
Estados Unidos	695,8	781,9	729,1	693,1	724,8	818,8	904,3	-
Canadá	238,4	276,6	259,9	252,4	272,7	316,5	359,6	-
Reino Unido	272,2	285,4	272,7	280,2	305,6	347,5	377,9	-
Zona do Euro								
Alemanha	543,5	551,8	571,6	615,8	751,6	909,9	970,7	-
França	325,5	327,6	323,4	331,7	392,0	452,1	459,2	-
Itália	235,6	240,5	244,5	254,4	299,3	353,8	366,8	-
Países em Desenvolvimento								
África	116,7	147,1	137,4	140,6	176,5	230,0	295,8	-
América Latina e Caribe	299,4	358,6	343,0	346,9	378,1	465,0	560,3	677,2
Argentina	23,3	26,3	26,5	25,7	29,7	34,6	40,1	47,0
Bolívia	1,1	1,2	1,3	1,3	1,6	2,1	2,7	3,9
Brasil	48,0	55,1	58,2	60,4	73,1	96,5	118,3	138,4
Chile	17,2	19,2	18,3	18,2	21,5	32,0	39,5	60,0
Colômbia	12,0	13,7	12,8	12,3	13,8	17,2	21,7	24,2
Equador	4,6	5,1	4,8	5,3	6,4	8,0	10,4	12,7
México	136,4	166,1	158,4	161,0	164,8	188,0	214,2	252,8
Paraguai	2,3	2,3	1,9	1,9	2,2	2,9	3,4	4,3
Peru	6,1	7,0	7,0	7,7	9,1	12,8	17,3	23,4
Uruguai	2,3	2,4	2,1	1,9	2,3	3,1	3,8	4,5
Venezuela	21,0	33,5	26,7	26,8	27,2	38,7	55,5	69,3
República Dominicana	5,1	5,7	5,3	5,2	5,5	5,9	6,1	6,4
Ásia e Pacífico	1.547,2	1.836,2	1.673,3	1.808,2	2.136,6	2.652,3	3.045,1	-
China	194,9	249,2	266,1	325,6	438,2	593,3	762,0	-
Índia	35,7	42,4	43,4	49,3	57,1	75,6	89,8	-
Comunidade dos Estados Independentes	106,5	145,7	144,3	153,2	194,6	265,5	341,9	-
Rússia	75,7	105,6	101,9	107,3	135,9	183,2	245,3	-
Total	5.713,0	6.451,0	6.184,0	6.484,0	7.572,0	9.191,0	10.393,0	-

Fonte: OMC, Cepal

Tabela 15 - Indicadores macroeconômicos

Importação - US\$ Bilhões								
	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Países Desenvolvidos								
Japão	310,0	379,5	349,1	337,2	382,9	454,5	516,1	-
Estados Unidos	1059,4	1259,3	1179,2	1200,2	1303,1	1525,5	1732,7	-
Canadá	220,2	244,8	227,3	227,5	245,0	279,8	320,1	-
Reino Unido	324,9	343,8	333,0	346,3	392,0	470,6	501,2	-
Zona do Euro								
Alemanha	474,0	497,2	486,1	490,3	604,6	715,7	774,1	-
França	315,7	338,9	328,6	329,3	398,8	470,9	495,8	-
Itália	220,6	238,8	236,2	247,0	297,5	355,3	379,7	-
Países em Desenvolvimento								
Africa	128,2	129,6	134,7	136,4	164,8	212,8	247,8	-
América Latina e Caribe	306,2	355,4	347,1	322,7	333,2	405,9	479,1	573,5
Argentina	24,1	23,9	19,2	8,5	13,1	21,3	27,3	32,9
Bolívia	1,5	1,6	1,6	1,6	1,5	1,7	2,2	2,8
Brasil	49,2	55,8	55,6	47,2	48,3	62,8	73,6	92,7
Chile	14,7	17,1	16,4	15,8	18,0	23,0	30,4	35,7
Colômbia	10,3	11,1	12,3	12,1	13,3	15,9	20,1	24,8
Equador	3,0	3,7	5,2	6,2	6,4	7,7	9,7	11,6
México	142,0	174,5	168,4	168,7	170,6	196,8	221,8	259,5
Paraguai	2,8	2,9	2,5	2,1	2,4	3,2	4,0	5,3
Peru	6,7	7,4	7,2	7,4	8,3	9,8	12,1	14,5
Uruguai	3,2	3,3	2,9	1,9	2,1	3,0	3,7	4,9
Venezuela	14,5	16,9	19,2	13,4	10,7	17,3	24,0	31,0
Republica Dominicana	8,0	9,5	8,8	8,8	7,6	7,9	9,6	10,9
Ásia e Pacífico	1364,0	1677,1	1557,1	1653,4	1971,7	2480,9	2871,0	-
China	165,7	225,1	243,6	295,2	412,8	561,2	660,1	-
Índia	47,0	51,5	50,4	56,5	71,2	97,3	131,6	-
Comunidade dos Estados Independentes	70,6	81,5	94,4	104,0	132,3	173,2	215,8	-
Rússia	39,5	44,7	53,8	61,0	76,1	97,4	125,1	-
Total	5919,0	6724,0	6482,0	6734,0	7855,0	9545,0	10753,0	-

Fonte: CEPAL, OMC

Tabela 16 - Indicadores macroeconômicos

Saldo da Balança Comercial - US\$ Bilhões										
	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007P	2008P
Países Desenvolvidos										
Japão	107,6	99,7	54,4	79,5	88,9	111,1	79,7	-	-	-
Estados Unidos	-363,6	-477,4	-450,1	-507,1	-578,3	-706,7	-828,4	-	-772,0	-
Canadá	18,3	31,8	32,6	24,9	27,7	36,8	39,5	-	-	-
Reino Unido	-52,7	-58,4	-60,3	-66,1	-86,3	-123,1	-123,4	-	-	-
Zona do Euro										
Alemanha	69,5	54,6	85,5	125,5	146,9	194,1	196,6	-	-	-
França	9,8	-11,3	-5,2	2,5	-6,8	-18,8	-36,6	-	-	-
Itália	14,9	1,8	8,3	7,4	1,8	-1,5	-12,9	-	-	-
Países em Desenvolvimento										
Africa	-11,5	17,5	2,7	4,2	11,7	17,2	48,0	-	-	-
América Latina e Caribe	-6,8	3,2	-4,1	24,2	44,9	59,1	81,2	103,7	92,6	73,6
Argentina	-0,8	2,4	7,3	17,2	16,6	13,3	12,8	14,1	10,4	9,0
Bolívia	-0,4	-0,4	-0,3	-0,3	0,1	0,4	0,5	1,1	-	-
Brasil	-1,2	-0,7	2,6	13,2	24,8	33,7	44,7	45,7	36,9	31,8
Chile	2,5	2,1	1,9	2,4	3,5	9,0	9,1	24,3	21,4	17,7
Colômbia	1,7	2,6	0,5	0,2	0,5	1,3	1,6	-0,6	-0,7	-1,6
Equador	1,6	1,4	-0,4	-0,9	0,0	0,3	0,7	1,1	0,2	-0,8
México	-5,6	-8,4	-10,0	-7,7	-5,8	-8,8	-7,6	-6,7	-12,4	-15,5
Paraguai	-0,5	-0,6	-0,6	-0,2	-0,2	-0,3	-0,6	-1,0	-	-
Peru	-0,6	-0,4	-0,2	0,3	0,8	3,0	5,2	8,9	7,4	8,2
Uruguai	-0,9	-0,9	-0,8	0,0	0,2	0,1	0,1	-0,4	-	-
Venezuela	6,5	16,6	7,5	13,4	16,5	21,4	31,5	38,3	28,3	21,6
República Dominicana	-2,9	-3,8	-3,5	-3,6	-2,1	-2,0	-3,5	-4,5	-	-
Ásia e Pacífico	183,2	159,1	116,2	154,8	164,9	171,4	174,1	-	-	-
China	29,2	24,1	22,5	30,4	25,5	32,1	101,9	-	206,0	-
Índia	-11,3	-9,1	-7,0	-7,3	-14,2	-21,8	-41,8	-	-	-
Comunidade dos Estados Independentes	35,9	64,2	49,9	49,2	62,3	92,3	126,1	-	-67,7	-80,7
Rússia	36,1	60,9	48,1	46,3	59,9	85,8	120,1	-	-	-
Total	-206,0	-273,0	-298,0	-250,0	-283,0	-354,0	-360,0	-	-	-

Fonte: OMC e Cepal

Nota: As projeções para 2006 e 2007 são médias das tabelas de previsões das instituições.

Tabela 17 - Indicadores macroeconômicos

Saldo em Conta Corrente - US\$ Bilhões								
	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006E
Países Desenvolvidos	-114,8	-267,1	-214,6	-229,5	-221,9	-267,2	-486,3	-571,1
Japão	114,5	119,6	87,8	112,6	136,2	172,1	165,7	167,3
Estados Unidos	-299,8	-415,2	-389,0	-472,4	-527,5	-665,3	-791,5	-869,1
Canadá	1,7	19,7	16,2	12,6	10,1	21,3	26,3	25,5
Reino Unido	-35,1	-37,6	-31,5	-24,8	-24,4	-35,4	-48,3	-55,9
Zona do Euro	23,2	-40,9	3,6	42,4	34,4	82,5	-2,6	-9,6
Alemanha	-26,9	-32,6	0,4	41,0	45,6	101,9	114,9	120,6
França	42,0	18,0	21,5	14,5	7,9	-7,0	-33,6	-38,6
Itália	5,9	-6,1	-0,9	-8,1	-19,9	-15,6	-28,5	-25,6
Países em Desenvolvimento	-24,0	79,6	40,0	78,5	147,8	211,9	424,7	586,7
Africa	-15,0	7,2	0,4	-7,8	-3,1	-0,4	18,4	33,1
América Latina e Caribe	-56,6	-48,6	-54,1	-16,2	6,8	20,8	35,8	51,3
Argentina	-12,0	-9,0	-3,4	9,1	8,2	3,4	5,8	8,5
Bolívia	-0,5	-0,4	-0,3	-0,4	0,0	0,3	0,6	1,3
Brasil	-25,7	-24,2	-24,0	-8,1	4,2	11,7	14,2	13,1
Chile	0,1	-0,9	-1,1	-0,6	-1,0	1,6	0,7	5,9
Colômbia	0,7	0,8	-1,1	-1,4	-1,0	-0,9	-2,0	-2,4
Equador	1,0	0,9	-0,6	-1,3	-0,4	-0,6	0,2	0,5
México	-14,2	-18,7	-18,0	-13,6	-8,5	-6,7	-5,0	-2,7
Paraguai	-0,2	-0,2	-0,3	0,1	0,1	0,1	0	-0,3
Peru	-1,5	-1,5	-1,2	-1,1	-0,9	0,0	1,1	2,3
Uruguai	-0,5	-0,6	-0,5	0,4	-0,1	0,0	0,0	-0,4
Venezuela	2,2	11,9	2,0	7,6	11,2	15,5	25,5	31,3
Republica Dominicana	-0,5	-1,0	-0,8	-0,8	1,0	1,0	-0,5	-0,8
Ásia e Pacífico	38,3	38,2	37,7	66,9	86,1	94,2	165,3	184,6
China	15,7	20,5	17,4	35,4	45,9	68,7	160,8	184,2
Índia	-3,2	-4,6	1,4	7,1	8,8	1,4	-11,9	-17,6
Comunidade dos Estados Independentes	23,7	48,2	33,1	30,2	35,9	62,5	87,7	127,1
Rússia	24,6	46,8	33,9	29,1	35,4	58,6	83,6	120,1
Total	-138,8	-187,4	-174,6	-151,0	-74,2	-55,3	-61,6	15,5

Fonte: FMI e Cepal

Tabela 18 - Indicadores macroeconômicos

	Saldo em Conta Corrente - % do PIB									
	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006E	2007P	2008P
Países Desenvolvidos	-0,5	-1,1	-0,9	-0,9	-0,8	-0,8	-1,4	-1,6	-2,0	-2,1
Japão	2,6	2,6	2,1	2,9	3,2	3,8	3,6	3,7	3,9	4,4
Estados Unidos	-3,2	-4,2	-3,8	-4,5	-4,8	-5,7	-6,4	-6,6	-6,3	-6,5
Canadá	0,3	2,7	2,3	1,7	1,2	2,1	2,3	2,0	0,2	0,1
Reino Unido	-2,4	-2,6	-2,2	-1,6	-1,3	-1,6	-2,2	-2,4	-2,7	-3,1
Zona do Euro	0,3	-0,7	0,1	0,6	0,4	0,9	0	-0,1	-0,2	-0,2
Alemanha	-1,3	-1,7	0	2	1,9	3,7	4,1	4,2	4,0	4,9
França	2,9	1,3	1,6	1	0,4	-0,3	-1,6	-1,7	-1,8	-2,3
Itália	0,5	-0,6	-0,1	-0,7	-1,3	-0,9	-1,6	-1,4	-1,9	-2,0
Países em Desenvolvimento	-0,2	1,4	0,7	1,3	2	2,5	4,1	-	2,1	1,5
Africa	-3,4	1,6	0,1	-1,6	-0,5	-0,1	2,3	3,6	-	-
América Latina e Caribe	-3,1	-2,4	-2,7	-0,8	0,5	1,0	1,5	1,8	0,9	0,2
Argentina	-4,2	-3,2	-1,2	8,5	6,2	2,3	3,2	4,0	1,8	1,5
Bolívia	-5,9	-5,3	-3,4	-4,5	0,9	3,9	6,6	12,0	4,0	3,9
Brasil	-4,7	-4	-4,6	-1,7	0,8	1,9	1,8	1,4	0,7	0,3
Chile	0,1	-1,2	-1,6	-0,9	-1,3	1,7	0,6	4,2	2,2	1,0
Colômbia	0,8	0,9	-1,3	-1,7	-1,2	-1,0	-1,6	-1,7	-2,2	-3,0
Equador	5,5	5,8	-2,9	-5,1	-1,5	-1,7	0,6	1,3	-0,9	-1,7
México	-2,9	-3,2	-2,9	-2,2	-1,4	-1,0	-0,7	-0,3	-1,0	-1,2
Paraguai	-2,3	-2,3	-4,1	1,8	2,3	2	-0,3	-3,0	-0,4	-0,3
Peru	-2,8	-2,9	-2,1	-1,9	-1,5	0,0	1,4	2,5	0,6	-0,1
Uruguai	-2,4	-2,8	-2,7	3,1	-0,5	0,3	0,0	-2,1	-2,3	-2,8
Venezuela	2,2	10,1	1,6	8,2	14,1	14,1	18,2	17,5	10,4	5,8
República Dominicana	-2,0	-4,4	-3	-3,2	5,3	4,8	-1,4	-2,1	-4,1	-3,6
Ásia e Pacífico	1,8	1,7	1,6	2,5	2,9	2,7	4,2	4,1	4,7	3,8
China	1,4	1,7	1,3	2,4	2,8	3,6	7,2	7,2	7,7	7,0
Índia	-0,7	-1	0,3	1,4	1,5	0,2	-1,5	-2,1	-1,9	-1,5
Comunidade dos Estados Independentes	8,2	13,6	8	6,5	6,3	8,1	8,8	10,1	-	-
Rússia	12,6	18	11,1	8,4	8,2	9,9	10,9	12,3	6,7	5,1

Fonte: FMI e Cepal

Nota: As projeções para 2006 e 2007 são médias das tabelas de previsões das instituições.

Tabela 19 - Indicadores macroeconômicos

Ingressos de Investimento Externo Direto - US\$ Bilhões								
	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Países Desenvolvidos	861,7	1.145,9	610,2	442,8	360,8	396,1	542,3	800,7
Japão	12,7	8,3	6,2	9,2	6,3	7,8	2,8	-8,2
Estados Unidos	283,7	314,0	159,5	74,5	53,1	122,4	99,4	177,3
Canadá	24,7	66,8	27,7	22,2	7,6	1,5	33,8	-
Reino Unido	88,0	118,8	52,6	24,0	16,8	56,2	164,5	169,8
Zona do Euro	316,7	498,3	287,4	241,0	216,2	127,1	204,6	-
Alemanha	56,1	198,3	26,4	53,5	29,2	-15,1	32,7	8,1
França	46,5	43,3	50,5	49,0	42,5	31,4	63,6	88,4
Itália	6,9	13,4	14,9	14,5	16,4	16,8	20,0	30,0
Países em Desenvolvimento	227,7	254,6	210,5	162,1	172,8	275,0	334,3	367,7
Africa	12,5	9,6	19,9	13,0	18,5	17,2	30,7	38,8
América Latina e Caribe	103,6	96,8	78,5	52,8	43,8	100,5	103,7	99,0
Argentina	24,0	10,4	2,2	2,1	1,7	4,3	4,7	3,3
Bolívia	1,0	0,7	0,7	0,7	0,2	0,1	-0,3	-
Brasil	28,6	32,8	22,5	16,6	10,1	18,1	15,1	18,8
Chile	8,8	4,9	4,2	2,5	4,3	7,2	6,7	9,9
Colômbia	1,5	2,4	2,5	2,1	1,8	3,1	10,2	4,9
Equador	0,6	0,7	1,3	1,3	1,6	1,2	1,9	-
México	13,6	17,6	27,2	18,3	14,2	22,3	18,9	18,9
Paraguai	0,1	0,1	0,1	0,0	0,0	0,0	0,2	-
Peru	1,9	0,8	1,1	2,2	1,3	1,6	2,6	-
Uruguai	0,2	0,3	0,3	0,2	0,4	0,3	0,6	-
Venezuela	2,9	4,7	3,7	0,8	2,7	1,5	3,0	-
Republica Dominicana	1,3	1,0	1,1	0,9	0,6	0,8	0,9	-
Ásia e Pacífico	134,7	181,4	134,7	131,1	141,1	157,3	200,0	229,9
China	40,3	40,7	46,9	52,7	53,5	60,6	72,4	70,0
Índia	2,2	3,6	5,5	5,6	4,6	5,5	6,6	9,5
Comunidade dos Estados Independentes	6,8	5,4	7,3	9,0	15,7	26,3	27,2	-
Rússia	3,3	2,7	2,7	3,5	8,0	15,4	14,6	28,4
Total	1.099,9	1.409,6	832,2	617,7	557,9	710,8	916,3	1.230,4

Fonte: UNCTAD

Tabela 20 - Indicadores macroeconômicos

	Reservas - US\$ Bilhões									
	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007P	2008P
Países Desenvolvidos										
Japão	288,1	356,0	396,2	462,4	664,6	835,2	835,9	-	-	-
Estados Unidos	73,1	68,5	69,2	80,4	88,5	90,1	67,2	-	-	-
Canadá	28,2	32,0	34,0	37,0	36,2	34,4	33,0	-	-	-
Reino Unido	36,9	44,6	37,8	39,8	42,4	45,9	44,1	-	-	-
Zona do Euro										
Alemanha	66,4	62,0	56,3	56,4	56,4	54,8	50,7	-	-	-
França	44,4	41,5	36,0	33,0	35,2	40,5	32,3	-	-	-
Itália	26,2	29,2	27,9	32,4	34,5	32,1	29,5	-	-	-
Países em Desenvolvimento										
Africa	42,1	54,3	64,5	72,2	90,6	126,7	168,9	230,9	306,2	-
América Latina e Caribe	143,4	156,1	159,2	161,3	196,2	221,4	254,3	294,2	297,0	264,1
Argentina	26,3	25,1	14,6	10,5	14,2	19,0	27,3	-	38,3	39,2
Bolívia	1,0	0,9	0,9	0,6	0,7	0,9	1,3	-	-	-
Brasil	36,3	33,0	35,9	37,8	49,3	52,9	53,8	85,8	82,7	99,0
Chile	14,7	15,0	14,4	15,3	15,8	16,0	16,9	-	18,0	18,0
Colômbia	8,0	8,9	10,2	10,7	10,8	13,4	14,8	-	16,3	-
Equador	1,6	0,9	0,8	0,7	0,8	1,1	1,7	-	3,1	2,8
México	31,8	35,5	44,8	50,6	59,0	64,1	74,1	72,8	76,1	77,2
Paraguai	1,0	0,8	0,7	0,6	1,0	1,2	1,3	-	-	-
Peru	8,7	8,4	8,7	9,3	9,8	12,2	13,6	-	16,0	-
Uruguai	2,1	2,5	3,1	0,8	2,1	2,5	3,1	-	-	-
Venezuela	12,3	13,1	9,2	8,5	16,0	18,4	23,9	-	32,0	28,5
Republica Dominicana	0,7	0,6	1,1	0,5	0,3	0,8	1,8	-	-	-
Ásia e Pacífico	307,7	321,9	380,5	497,1	670,4	934,4	1.167,5	1.451,4	1.733,6	-
China	158,3	168,9	216,3	292,0	409,2	615,5	822,6	1.062,6	1.276,8	-
Índia	33,2	38,4	46,4	68,2	99,5	127,2	141,7	154,5	161,45	175,2
Comunidade dos Estados Independentes	16,5	33,2	44,2	58,3	92,8	149,2	225,7	340,7	479,9	-
Rússia	9,1	24,8	33,1	44,6	73,8	121,5	186,3	288,9	420,9	-

Fonte: Banco Central do Brasil, FMI e Banco Mundial

Nota: As projeções para 2007 e 2008 são médias das tabelas de previsões das instituições.

OUTROS INDICADORES ECONÔMICOS

Tabela 21 - Indicadores econômicos

Preços Médios de Commodities: 2003 a 2006 ⁽¹⁾														
	Unidade	2003	2004	2005	2006 ⁽¹⁾	05 T2	05 T3	05 T4	06 T1	06 T2	06 T3	06 T4 ⁽¹⁾	nov/06	dez/06 ⁽¹⁾
Alimentos														
Cereais														
Trigo	\$/MT	146	157	152	192	142	151	164	174	190	196	207	206	204
Milho	\$/MT	105	112	98	122	96	100	100	105	109	117	156	164	161
Arroz	\$/MT	199	246	288	304	294	283	282	293	302	313	307	301	309
Cevada	\$/MT	105	99	95	117	92	98	100	102	105	114	145	148	151
Óleos vegetais e proteínas														
Soja	\$/MT	233	277	223	217	239	232	213	214	214	207	235	244	243
Farelo de soja	\$/MT	215	257	206	194	223	217	196	198	193	180	205	214	206
Óleo de soja	\$/MT	500	590	496	551	510	516	493	499	542	561	604	624	629
Óleo de palmeira	\$/MT	410	435	368	417	372	367	376	384	389	418	476	477	528
Óleo de coco	\$/MT	462	673	620	605	659	569	571	576	576	598	671	657	732
Farinha de peixe	\$/MT	650	693	744	1.074	696	741	832	909	949	1169	1270	1263	1285
Óleo de girassol	\$/MT	650	734	1.145	713	1158	1152	1152	833	673	673	673	673	673
Óleo de oliva	\$/MT	3.797	4.631	5.519	5.488	5493	5500	5559	5772	5637	5521	5020	5060	4760
Amendoim	\$/MT	856	910	769	829	762	704	700	717	759	890	949	948	960
Carne														
Bovina	cts/lb	90	114	119	116	120	121	116	113	112	117	120	121	121
Ovina	cts/lb	160	166	161	154	164	155	149	145	147	164	159	158	163
Suína	cts/lb	53	71	68	64	70	68	62	58	66	70	62	62	61
Aves	cts/lb	66	76	74	69	74	75	73	69	68	70	69	69	69
Frutos do mar														
Peixe	\$/kg	3.0	3.3	4.1	5.1	4.1	4.3	4.0	4.2	6.1	5.6	4.4	4.3	4.5
Camarão	\$/lb	11.5	10.4	9.9	10.4	9.8	9.3	9.5	9.8	10.1	10.2	11.4	11.4	11.2
Açúcar														
Mercado livre	cts/lb	6.9	7.5	10.1	14.8	8.7	10.1	12.4	17.1	16.7	13.7	11.6	11.7	11.7
Estados Unidos	cts/lb	21	21	21	22	21	21	22	24	23	22	20	20	20
EU	cts/lb	27	30	30	31	31	30	29	29	30	31	32	32	33
Banana	\$/MT	375	525	577	683	569	463	510	792	777	559	604	603	656
Laranja	\$/MT	683	855	842	830	1065	752	722	809	755	815	942	931	860
Bebidas														
Café														
Outros suaves	cts/lb	64	80	114	114	125	105	106	118	108	108	121	124	130
Robusta	cts/lb	38	37	53	70	58	55	55	65	64	74	78	80	78
Cacau	\$/MT	1.753	1.551	1.545	1.591	1.545	1.492	1.465	1.556	1.584	1.617	1.605	1.583	1.702
Metais														
Cobre	\$/MT	1.779	2.863	3.676	6.731	3.387	3.750	4.304	4.948	7.229	7.680	7.069	7.029	6.681
Alumínio	\$/MT	1.433	1.719	1.901	2.573	1.788	1.831	2.081	2.423	2.656	2.486	2.728	2.702	2.824
Minério de ferro	cts/DMTU	32	38	65	77	65	65	65	77	77	77	77	77	77
Estanho	\$/MT	4.890	8.481	7.385	8.755	7.946	7.060	6.451	7.602	8.504	8.589	10.325	10.038	11.126
Níquel	\$/MT	9.630	13.821	14.778	24.126	16.418	14.568	12.719	14.854	19.915	28.786	32.948	31.892	34.401
Zinco	\$/MT	828	1.048	1.381	3.266	1.272	1.298	1.638	2.246	3.270	3.352	4.197	4.379	4.381
Chumbo	\$/MT	514	882	974	1.288	983	893	1.046	1.240	1.101	1.193	1.620	1.626	1.709
Urânio	\$/lb	11.2	18.0	27.9	48	26.8	29.8	33.9	38.1	43	49	61	61	67
Energia														
Spot cru (APSP ²)														
U.K. Brent	\$/bbl	28.9	37.8	53.4	64.3	50.8	60.0	56.5	61.0	68.3	68.8	59.0	58.1	61.0
Dubai	\$/bbl	28.9	38.3	54.4	65.4	51.6	61.6	56.9	61.9	69.8	70.1	59.7	58.5	62.3
West Texas Intermediate	\$/bbl	26.7	33.5	49.2	61.4	47.7	55.3	52.7	57.8	64.7	65.9	57.3	56.8	58.7
Gás natural	\$/bbl	31.1	41.4	56.4	66.1	53.1	63.1	60.0	63.3	70.5	70.4	60.0	59.1	62.0
Gás natural														
Russo na Alemanha	\$/000M3	125.5	135.2	212.9	295.7	198.4	220.7	250.6	275.8	293.0	302.4	311.4	311.4	311.4
Indonésio no Japão (LNG)	\$/M3	104.8	123.9	148.0	171.3	145.9	154.2	162.8	162.3	175.4	180.3	167.1	167.1	167.1
EUA, doméstico	\$/000M3	197.8	212.7	319.0	242.7	250.0	355.0	443.8	277.1	235.4	218.4	239.8	266.8	242.3
Carvão														
Australiano	\$/MT	28.0	56.7	51.0	52.6	54.8	51.9	42.4	50.2	56.4	53.9	49.9	49.3	53.3
Sul-africano	\$/MT	30.0	54.7	46.1	50.7	46.8	49.1	40.6	49.5	52.6	51.2	49.4	48.2	50.7

¹ Número provisórios.² Average Petroleum Spot Price: Média ponderada igualmente dos preços de UK Brent, Dubai e West Texas Intermediate.

Fonte: FMI

Tabela 22 - Indicadores econômicos

Cotações de Moedas (em R\$) - final de período

Mês	US\$	Euro	Libra
jan/04	2,94	3,60	5,20
fev/04	2,91	3,70	5,46
mar/04	2,91	3,57	5,32
abr/04	2,94	3,49	5,26
mai/04	3,13	3,71	5,52
jun/04	3,11	3,81	5,73
jul/04	3,03	3,74	5,60
ago/04	2,93	3,67	5,48
set/04	2,86	3,54	5,20
out/04	2,86	3,57	5,17
nov/04	2,73	3,63	5,20
dez/04	2,65	3,65	5,26
jan/05	2,62	3,55	5,07
fev/05	2,60	3,39	4,92
mar/05	2,67	3,57	5,16
abr/05	2,53	3,35	4,90
mai/05	2,40	3,14	4,59
jun/05	2,35	2,94	4,40
jul/05	2,39	2,86	4,16
ago/05	2,36	2,90	4,23
set/05	2,22	2,82	4,16
out/05	2,25	2,71	3,98
nov/05	2,21	2,61	3,84
dez/05	2,34	2,71	3,98
jan/06	2,22	2,76	4,02
fev/06	2,14	2,59	3,79
mar/06	2,17	2,59	3,75
abr/06	2,09	2,62	3,77
mai/06	2,30	2,99	4,38
jun/06	2,16	2,79	4,03
jul/06	2,18	2,78	4,06
ago/06	2,14	2,74	4,06
set/06	2,17	2,76	4,07
out/06	2,14	2,73	4,08
nov/06	2,17	2,87	4,24
dez/06	2,14	2,82	4,19

Fonte: Banco Central do Brasil e BNDES.

Tabela 23 - Indicadores econômicos

Cotações de Moedas - Média (em u.m./US\$)					
Mês	Peso argentino	Peso chileno	Peso colombiano	Peso mexicano	Peso uruguaio
jan/04	2,87	572,38	2.749,39	10,93	29,42
fev/04	2,91	584,31	2.717,94	11,01	29,52
mar/04	2,88	603,91	2.670,80	11,00	29,66
abr/04	2,81	608,19	2.636,35	11,25	29,65
mai/04	2,90	635,76	2.719,43	11,51	29,76
jun/04	2,94	643,18	2.716,56	11,38	29,74
jul/04	2,96	632,39	2.654,31	11,47	29,46
ago/04	2,99	635,93	2.598,59	11,40	28,89
set/04	2,97	616,20	2.552,16	11,49	27,95
out/04	2,95	607,28	2.580,70	11,39	27,18
nov/04	2,93	596,72	2.530,19	11,39	26,65
dez/04	2,95	576,17	2.416,92	11,21	26,58
jan/05	2,92	576,17	2.362,96	11,26	25,53
fev/05	2,90	573,58	2.340,49	11,15	24,93
mar/05	2,91	586,38	2.353,71	11,13	25,53
abr/05	2,88	580,61	2.350,01	11,13	25,21
mai/05	2,87	578,03	2.339,22	10,99	24,49
jun/05	2,86	585,22	2.327,49	10,83	24,25
jul/05	2,85	575,77	2.324,30	10,69	24,61
ago/05	2,87	546,61	2.306,01	10,67	24,34
set/05	2,89	536,70	2.294,52	10,78	24,09
out/05	2,95	537,81	2.292,55	10,83	23,59
nov/05	2,95	529,88	2.279,85	10,69	23,52
dez/05	3,00	514,33	2.277,94	10,62	23,65
jan/06	3,07	530,23	2.359,52	10,90	24,19
fev/06	3,03	524,48	2.273,66	10,57	24,23
mar/06	3,05	525,70	2.256,24	10,48	24,27
abr/06	3,06	528,77	2.262,36	10,71	24,10
mai/06	3,05	517,33	2.354,55	11,02	23,96
jun/06	3,04	520,79	2.397,76	11,08	23,88
jul/06	3,06	542,46	2.551,61	11,39	23,95
ago/06	3,06	540,62	2.524,75	11,03	23,98
set/06	3,10	538,73	2.387,72	10,88	23,93
out/06	3,11	538,00	2.398,17	10,98	23,86
nov/06	3,12	530,31	2.358,68	10,89	24,10
dez/06	3,10	527,52	2.290,83	10,92	24,40

Fonte: BCRP e Mecon

Tabela 24 - Indicadores econômicos

Taxas de Juros (em % ao ano)						
Mês	TJLP	Selic (1)	TR (2)	Libor (3)		
				6 meses	12 meses	60 meses
jan/04	10,00	16,32	1,55	1,19	1,40	3,56
fev/04	10,00	16,30	0,64	1,12	1,41	3,46
mar/04	10,00	16,19	1,97	1,16	1,33	3,17
abr/04	9,75	15,96	1,11	1,26	1,56	3,66
mai/04	9,75	15,77	1,87	1,50	1,97	4,31
jun/04	9,75	15,80	2,13	1,78	2,32	4,40
jul/04	9,75	15,77	2,26	1,89	2,33	4,24
ago/04	9,75	15,86	2,32	1,94	2,30	4,11
set/04	9,75	16,09	2,09	2,08	2,35	3,87
out/04	9,75	16,41	1,41	2,21	2,46	3,82
nov/04	9,75	16,96	1,45	2,46	2,76	3,96
dez/04	9,75	17,50	2,66	2,70	3,00	4,05
jan/05	9,75	17,93	2,28	2,87	3,20	4,04
fev/05	9,75	18,47	1,36	3,02	3,35	4,15
mar/05	9,75	18,97	3,06	3,26	3,65	4,57
abr/05	9,75	19,32	2,55	3,38	3,75	4,56
mai/05	9,75	19,61	3,07	3,46	3,74	4,36
jun/05	9,75	19,75	3,48	3,60	3,81	4,19
jul/05	9,75	19,72	3,13	3,82	4,03	4,38
ago/05	9,75	19,75	3,86	4,01	4,26	4,58
set/05	9,75	19,61	3,21	4,03	4,20	4,42
out/05	9,75	19,25	2,68	4,33	4,55	4,75
nov/05	9,75	18,87	2,46	4,54	4,78	4,95
dez/05	9,75	18,24	2,63	4,55	4,83	4,93
jan/06	9,00	17,65	2,70	4,72	4,83	4,82
fev/06	9,00	17,28	1,02	4,90	5,06	5,05
mar/06	9,00	16,74	2,29	5,04	5,17	5,18
abr/06	8,15	16,19	1,20	5,19	5,32	5,36
mai/06	8,15	15,70	1,88	5,32	5,42	5,47
jun/06	8,15	15,18	2,35	5,62	5,74	5,75
jul/06	7,50	14,98	2,12	5,54	5,59	5,49
ago/06	7,50	14,66	2,70	5,46	5,47	5,29
set/06	7,50	14,17	1,93	5,37	5,31	4,99
out/06	6,85	13,95	2,27	5,40	5,37	5,10
nov/06	6,85	13,65	1,63	5,35	5,27	4,95
dez/06	6,85	13,19	1,93	5,36	5,29	5,00

Fonte: Banco Central do Brasil e BNDES.

Nota: (1) Selic acumulada no mês anualizada; (2) Taxa Referencial do primeiro dia do mês anualizada; (3) Final de período

Tabela 25 - Indicadores econômicos

Índices de Ações em dólares - final de período (em pontos base)						
Mês	Bovespa (Brasil)	Dow Jones (EUA)	Nasdaq (EUA)	Merval (Argentina)	IGPA (Chile)	IPC (México)
jan/04	8.192	10.488	2.066	407,6	12,5	845
fev/04	7.480	10.584	2.030	382,3	12,5	897
mar/04	7.546	10.357	1.995	422,0	12,5	917
abr/04	7.508	10.229	1.920	407,5	12,3	941
mai/04	6.085	10.188	1.987	327,2	11,3	859
jun/04	6.465	10.435	2.048	313,8	11,4	893
jul/04	7.146	10.140	1.887	327,5	12,2	875
ago/04	7.423	10.174	1.838	316,2	12,6	883
set/04	7.850	10.080	1.897	350,0	13,5	929
out/04	8.206	10.027	1.975	402,7	14,3	977
nov/04	8.612	10.428	2.097	423,8	14,8	1.046
dez/04	9.422	10.800	2.178	431,8	15,6	1.116
jan/05	9.066	10.490	2.062	454,1	15,2	1.132
fev/05	10.181	10.766	1.052	512,0	15,7	1.220
mar/05	10.203	10.504	1.999	496,9	15,9	1.187
abr/05	9.895	10.193	1.922	470,3	16,1	1.105
mai/05	10.137	10.467	2.068	497,3	15,9	1.159
jun/05	10.543	10.275	2.057	504,0	16,1	1.236
jul/05	10.638	10.641	2.185	503,1	16,8	1.311
ago/05	11.442	10.482	2.152	527,4	18,1	1.365
set/05	13.012	10.569	2.153	561,9	18,4	1.428
out/05	13.238	10.440	2.120	546,8	18,7	1.417
nov/05	14.068	10.806	2.233	541,7	18,0	1.532
dez/05	14.510	10.718	2.205	508,4	18,0	1.658
jan/06	15.977	10.865	2.306	547,0	17,9	1.774
fev/06	17.453	11.062	2.287	556,8	18,2	1.775
mar/06	17.562	11.151	2.340	583,1	18,6	1.773
abr/06	18.407	11.367	2.323	611,2	19,2	1.800
mai/06	15.834	11.094	2.165	535,8	18,6	1.647
jun/06	16.919	11.150	2.172	554,6	18,4	1.688
jul/06	17.027	11.186	2.091	553,9	18,3	1.833
ago/06	16.899	11.381	2.184	537,0	19,1	1.929
set/06	16.805	11.679	2.258	527,5	20,0	1.997
out/06	18.327	12.081	2.367	576,6	21,1	2.144
nov/06	19.368	12.222	2.432	641,0	22,25	2.275
dez/06	20.824	12.463	2.415	682,9	23,2	2.445

Fonte: Banco Central do Brasil e Mecon